O ELVENSE

NUMERO BRINDE

AOS

SENHORES ASSIGNANTES

EM

1894

O ELVENSE

Numero brinde aos Senhores Assignantes

EM 1894

O ELVENSE

NUMERO BRINDE

AOS

Senhores Assignantes em 1894

SUMMARIO

TODOS OS ESCRIPTOS SÃO INEDITOS

ELVAS—1894

Augusto Massano

AS MULHERES QUE VOTAM

COMEDIA EM 1 ACTO

Á MEMORIA DE MINHA MÃE

D. Maria da Natividade Augusta de Vasconcellos Massano

Foram as tuas virtudes, ó minha chorada mãe, que me inspiraram esta pequena comedia; foi a recordação das tuas lagrimas puras e santas, com que me innundavas o rosto, cheia de afflicção, quando eu partia, julgando que me não tornarias a vêr, e que ao voltar eu bebia já transformadas em nectar precioso da tua alegria, nos teus braços carinhosos e sempre protectores, estreitando-me contra o teu seio puro e casto—sacrario inimitavel do amor maternal,—que me obrigou a indicar á sociedade o logar da mãe. Tu não lerás esta carta na terra, mas no céo, onde Deus DEVE *ter-te recebido, continuarás a velar pelo teu querido filho, pedindo ao Omnipotente que o proteja e ampare.*

Augusto Massano.

Personagens

Luiz, medico	37	annos
Julio, proprietario	»	»
Leonor, esposa de Julio	25	»
Sr.ª Sousa da Costa Bastos	44	»
Creado.		

ACTO UNICO

A SCENA

Uma sala ricamente mobilada

SCENA I

Luiz e Creado

LUIZ

(Ao creado). Seu amo está em casa?

CREADO

Sim, senhor.

LUIZ

Diga-lhe que o seu amigo Luiz d'Araujo, que acaba de chegar de Paris, deseja dar-lhe um abraço.

(Creado inclina-se e sae).

LUIZ

Pobre Julio! Não me espera, e vae ficar surprehendido com a minha chegada. Ha tres annos que o não vejo... Como deve estar mudado!... Deixei-o livre como uma borboleta e venho encontral-o casado e pae.

SCENA II

Luiz e Julio

JULIO

(Entrando precipitadamente e abraçando Luiz). Tu! meu caro Luiz! Oh que surpreza tão agradavel!

LUIZ

Não me esperavas?

JULIO

Decerto que não; julgava-te ainda em Paris.

LUIZ

Eu morro por surprezas.

JULIO

Mas senta-te, meu amigo, e conta-me depressa a historia da tua viagem, decerto matizada por aventuras imprevistas.

LUIZ

(Sentando-se). As minhas viagens foram como as de todos. Surprezas, pontos de vista desconhecidos, filhas d'Eva encantadoras, episodios nas estalagens e despezas dobradas. Depois, que queres tu que eu conte senão o que deves já ter lido nos livros que hoje todos escrevem, a pretexto de terem passado a fronteira, debaixo do titulo pomposo—*As minhas viagens?*... eu é que não escrevo nada pela simples razão de tudo já estar escripto.

JULIO

Mas conta-me as tuas impressões.

LUIZ

A melhor de todas foi o regresso. Não ha impressão mais suavemente grata á nossa alma do que tornar a ver o palmo de terra onde nascemos, depois de termos estado separado d'elle durante tres longos annos; por muito agreste e rude que seja a sua paizagem tem para todos um não sei quê de encantador e de divino que nos faz verter lagrimas sinceras, as mais doces, talvez, que choramos durante a vida, ao avistar, no regresso, a casa modesta onde nascemos e a arvore quasi secular que foi testemunha de todos os nossos folguedos infantis.

JULIO

Então, choraste?

LUIZ

Chorei, sim, não me envergonho de o confessar.

JULIO

És um homem de coração!

LUIZ

Talvez.

JULIO

Deixemo-nos de sentimentalismo e falla-me antes de Paris, da grande cidade que ainda não pude vêr.

LUIZ

Paris, sim, é um mundo novo e completamente desconhecido para nós, mas affirmo-te que é muito mais futil do que o nosso, apesar de ser mais brilhan-

te. Aquella grandeza de que se falla com tanto enthusiasmo e se descreve em côres scintillantes, não é mais do que um conjuncto de miserias, de vicios e de podridão enorme, que se apresentam aos olhos encandeados do forasteiro, revestidos por um ouropel falso no valor, mas caro no brilho. Quem por ali passa fica deslumbrado, mas quem ali vive fica pervertido. O sentimento mais nobre e delicado — o amor da familia — tem ido desapparecendo quasi completamente; o dever reduz-se a uma palavra vã que se encontra, em geral, apenas escripta nos diccionarios; a honra é uma reliquia do passado que a sociedade moderna encerrou nos museus, juntamente com as armaduras dos heroes, e ao pé d'isto ergue-se, dominando tudo e todos, o interesse vil e o egoismo repugnante; abnegação e virtude existem na biblia, e a biblia jaz empoeirada nas estantes das bibliothecas; o amor é um mercado do vicio onde as mulheres cobertas de sêda deixam adivinhar as fórmas sensuaes, ou atravez de *gazes* transparentes deixam escapar o pudor, que é o principal adorno da virgem, deante dos banqueiros obesos e dos filhos familias relaxados e chloroticos.

JULIO

Que moralidade! Aprendeste isso lá?

LUIZ

Aprendi ao voltar para cá. Não é exagerado o quadro que te descrevo e não carrego demasiado as côres. É triste vêr que a civilisação em logar de alevantar os espiritos, os subterra n'um ergastulo de podridão... Mas desculpa-me, meu Julio, estas divagações de philosopho de aldeia que fizeram com

que praticasse uma grosseria, não me informando da saude de tua esposa.

JULIO

(Tristemente). Julgo que passa bem.

LUIZ

(Olhando-o admirado e depois d'uma pausa). Julgas!... Não te comprehendo.

JULIO

(Hesitante). Quero dizer... ainda hoje a não vi.

LUIZ

Como tu dizes isso!

JULIO

Estranhas as minhas palavras?

LUIZ

Decerto. Tu não és feliz?

JULIO

(Sentando-se com desalento n'um sofá). Não, meu caro Luiz; o casamento que para todos é o carinho e o agasalho, para mim não é mais do que a solidão e o abandono.

LUIZ

Ora essa!... Explica-te.

JULIO

Ha muito tempo que precisava desabafar porque tenho o coração prestes a estalar de dôr. Ouve. *(Indica-lhe uma cadeira para se sentar juncto d'elle. Luiz*

senta-se) Pouco depois de partires casei, como te disse nas minhas cartas, com uma rapariga que, pelo seu ar candido e modesto, pelo recato com que se apresentava, pela graça das suas maneiras e trato delicado e emfim pela sua formosura, me pareceu um anjo que juncto de mim me ajudaria suavemente a caminhar pela estrada da vida tão agreste e cheia de escolhos. Intelligente e dotada d'uma instrucção pouco vulgar nas senhoras da nossa sociedade, julguei que reunia todas as condições que pódem fazer a felicidade d'um marido. O primeiro anno depois do nosso casamento correu tranquillo e feliz; apresentei-a na sociedade... mas, ai de mim!... ali tomou conhecimento com uma tal sr.ª Sousa da Costa Bastos...

LUIZ

Parece-me que conheço. Não é uma quarentona que tem pretenções a litterata?

JULIO

Isso mesmo. Comecei a vêr essa senhora constantemente em minha casa, e tambem começou para mim uma vida perfeitamente infernal. Minha mulher principiou a afastar-se de mim e a evitar-me; a filha, que tinha sido até ali o seu pensamento constante, a preoccupação de todas as horas—porque nós temos uma filha—foi tambem abandonada aos cuidados de uma ama que lhe serve de mãe a troco de uma libra por mez.

LUIZ

É singular!

JULIO

Surprehendeu-me esta mudança repentina que

nada justificava, quando um dia, depois d'uma altercação violenta entre os dois, minha mulher, levada e impellida pela sr.ª Sousa da Costa Bastos, me declarou que protestava contra a tyrannia dos homens.

LUIZ

Comprehendo. São as mulheres que votam.

JULIO

As mulheres que votam, tens razão.

LUIZ

Assim como os meios artificiaes na cultura dos campos fazem esse bichinho que destroe as plantas ou as torna doentes, e que apparece hoje na Europa debaixo de diversos nomes, mas que é sempre o mesmo, assim tambem se introduzem, infelizmente, no seio das familias mulheres infames, que com os seus maus conselhos fazem desviar do caminho do dever as mulheres honestas. São o philoxera da sociedade.

JULIO

Tentei por todos os meios convencel-a do ridiculo em que cahia pelas suas loucas idéas, mas todos os meus esforços foram baldados. Ouvindo unicamente os conselhos d'essa mulher nefasta, tem consumido quasi todo o seu dote em producções litterarias, cujo fim é perturbar a cabeça das mulheres sensatas. Julgando dar o grito de alarme do seu sexo contra o nosso, formaram uma sociedade onde se reunem mais algumas que teem o mesmo extravagante pensar, e, a pretexto d'isso, abandona a casa, o marido, a filha, e tudo, emfim, em que consiste a verdadeira felicidade.

LUIZ

Pobre Julio.

JULIO

Conheces uma posição mais critica do que a minha? Pensei já por vezes n'uma separação. Mas uma fraqueza devida á paixão que minha mulher me inspira, ao amor que não posso expulsar d'aqui *(leva a mão ao peito)* e mesmo á esperança de vêr se por qualquer meio a posso desviar do declive fatal, por onde pretende despenhar-se, consumando a ruina que prepara para si e para a sua familia, tem-me impedido que até hoje tomasse uma resolução violenta... Vou perdendo a esperança... minha mulher não tem coração.

LUIZ

Não tem coração?

JULIO

Não, porque, se o tivesse, pelo menos não abandonava a filha.

LUIZ

Veremos.

JULIO

Minha mulher está louca.

LUIZ

Loucura que ha de passar. Sou um medico que me orgulho de, alem de curar as feridas do corpo, saber tambem curar as feridas da alma.

JULIO

Mas que farás?

LUIZ

Ainda não sei; preciso primeiro conhecer tua mulher.

CREADO

(Entrando). A Sr.ª Sousa da Costa Bastos.

JULIO

Ahi vem o meu pesadelo.

SCENA III

Os mesmos e a Sr.ª Bastos

SR.ª BASTOS

(Entrando vestida com uma toilette demasiadamente excentrica dirige-se ao creado). Diga a sua ama que estou aqui. *(Comprimentando Luiz e Julio)* Meus senhores. Sabe, Sr. Julio de Mendonça, que a nossa ultima publicação fez um grande barulho?

JULIO

(Ironico). Creio, minha senhora, creio.

SR.ª BASTOS

E foi tal o successo que obteve que vae ser traduzida em francez e allemão.

JULIO

Ah! sim? E póde saber-se quem é o traductor?

SR.ª BASTOS

Ainda não sei, mas uma obra d'aquelle merito não póde deixar de correr o mundo.

JULIO

Com certeza, minha senhora.

SCENA IV

Os mesmos e Leonor

JULIO

(A Leonor quando entra). Leonor, apresento-lhe o meu melhor amigo e em que tantas vezes lhe tenho fallado—Luiz d'Araujo, chegado ha pouco de Paris.

LEONOR

(Comprimenta Luiz friamente e dirige-se á Sr.ª Bastos). Esperava-a com impaciencia, minha amiga... Que diz essa gente?

SR.ª BASTOS

O nosso livro produzio uma revolução, não só pelo seu merito litterario como pelas doutrinas sans que ali se defendem. *(Senta-se e Leonor pega n'uma poltrona e senta-se juncto d'ella).*

LEONOR

Diga antes direitos. O que dizem com respeito ao segundo capitulo—aquelle que eu escrevi?

SR.ª BASTOS

Sobre esse nada me disseram ainda, mas o que todos teem elogiado muito é o meu prologo.

LEONOR

E os jornaes?

SR.ª BASTOS

É a novidade do dia em todos elles; uns aconselham os maridos a tomar medidas repressivas contra suas mulheres...

LEONOR

Insolentes.

JULIO

(Baixo a Luiz). Ouves?

LUIZ

(Da mesma fórma). Perfeitamente.

SR.ª BASTOS

(Continuando). Outros, ao contrario, estão promptos a estender as mãos ás algemas com que as mulheres os querem prender; as mulheres, essas batem as palmas.

JULIO

As mulheres pensadoras?

SR.ª BASTOS

Disse muito bem — as mulheres pensadoras.

JULIO

Sempre tenho ouvido dizer que o homem deve deixar-se guiar pelas primeiras impressões de sua mulher... mas... se a deixa pensar muito tempo...

SR.ª BASTOS

Que succederia?

JULIO

Perderem-se ambos.

LEONOR

(Ironica). Em geral aos homens custa-lhes a convencer-se de que as mulheres são tão uteis ou mais do que elles, e não admittem que ellas tenham aptidão para os mesmos commettimentos, que o seu espirito se transporte a regiões por elles ignoradas e vá ali beber idéas salutares e justas, ou antes aprender o direito que lhes assiste na grande communa social.

SR.ª BASTOS

Tem razão, minha amiga; é já tempo para acabarmos com um dominio odioso e injusto.

LEONOR

Depois, o que pedimos nós? — Justiça.

SR.ª BASTOS

Desculpe-me se a interrompo, minha amiga, mas tenho de ir á typographia onde se está imprimindo o nosso jornal; como sabe o primeiro numero sahe ámanhã. *(Baixo a Leonor)*. E preciso tambem d'aquelle dinheiro em que lhe fallei; é urgente, temos que adeantar as primeiras despezas. *(Continúa fallando baixo com Leonor)*.

JULIO

(A Luiz). Como vês temos agora um novo jornal, cujos redactores principaes estão ali.

LUIZ

Nunca vi nada mais divertido.

SR.ª BASTOS

(Alto a Leonor). Pois bem, espero por si na typographia.

LEONOR

Dentro em duas horas estarei comsigo.

SR.ª BASTOS

(Ironica). Não sei se estes senhores quererão assignar o nosso jornal?

LUIZ

Com todo o gosto, minha senhora.

JULIO

Eu é que peço desculpa se não sigo o exemplo do meu amigo... mas... mas... tenho-o em casa e de graça.

SR.ª BASTOS

(A Luiz). Tem a bondade de me dizer o seu nome e morada?

LUIZ

Luiz de Araujo—hotel de Gibraltar.

SR.ª BASTOS

(Depois de tomar nota na carteira). Muito bem; já o inscrevi na minha lista. *(A Leonor)*. Adeus, minha querida. *(Beija-a e diz-lhe baixo)*: Não falte com o dinheiro. *(Comprimentando)*. Meus senhores. *(Sae)*.

SCENA V

Os mesmos menos a Sr.ª Bastos

LEONOR

(Baixo a Julio). Preciso já de duzentos mil réis.

JULIO

(Da mesma fórma). Duzentos mil réis!

LEONOR

Não é a si que os peço, mas ao meu dote.

JULIO

Basta. Mas lembre-se de que está quasi consumido.

LEONOR

Aborrece-me.

JULIO

(Alto a Luiz). Meu amigo, peço-te que me esperes um momento n'esta sala; minha mulher far-te-ha companhia. *(Sae)*.

SCENA VI

Luiz e Leonor

(Leonor senta-se junto d'uma meza e começa a rever e corrigir provas de jornaes).

LUIZ

(Depois de fitar Leonor detidamente. Pausa. Á parte). Que demonio lhe hei de dizer?... Que póde um homem dizer a uma mulher que quer sacudir o jugo dos homens?... Palavra de honra que não sei... No entanto é preciso dizer-lhe alguma coisa para não passar por indelicado e grosseiro. *(Pausa)*. Minha senhora, desculpe-me se a interrompo e incommodo.

LEONOR

Não me incommoda, sr. Araujo.

LUIZ

Desejava fazer-lhe uma pergunta.

LEONOR

Uma pergunta?

LUIZ

Sim, minha senhora, e que me esqueceu de fazer á sr.ª Sousa da Costa Bastos.

LEONOR

A respeito do nosso jornal?

LUIZ

Exactamente.

LEONOR

Queira dizer; sou uma das redactoras principaes.

LUIZ

Desejava saber qual era o programma do seu jornal. É um jornal de modas, com certeza.

LEONOR

De modas!... Oh! não, julgue-nos com idéas menos frivolas.

LUIZ

Mas, minha senhora, não posso comprehender que outro fim possa ter um jornal redigido por damas!

LEONOR

Parece-me que o que ha pouco ouvio dizer á sr.ª Sousa da Costa Bastos dispensava a sua pergunta.

LUIZ

Mas eu não comprehendi nada.

LEONOR

O senhor!

LUIZ

Eu sim, minha senhora.

LEONOR

Então oiça. Ha muitos seculos que uma grande injustiça é praticada por metade do genero humano contra a outra metade—refiro-me ao homem e á mulher. Milhares de gerações teem succedido umas ás outras, muitas leis se teem feito e remodelado, e nunca as mulheres foram admittidas a emittir a sua opinião para a formação d'essas leis que regulam os seus interesses, os seus direitos e os seus deveres; d'aqui resultou que o homem, depois de se arrogar a si, unicamente, o direito de legislar, não só no que diz respeito a elle, mas tambem á mulher, e depois de ter dito estas grandes palavras—a mulher é fraca—, concluiu que a devia privar dos direitos politicos de que fez monopolio só para si, de fórma que as leis foram feitas para servir unicamente os seus interesses e vaidades pessoaes, collocando a mulher sob uma dependencia vexatoria e humilhante, pois que as leis existentes só lhe impõem deveres e não direitos e opprimem-na sem a proteger. Nós fracas! É uma irrisão semelhante modo de pensar!... Somos tão fortes que ainda podemos viver e amar victimas de tantas injustiças.

LUIZ

(Ironico). Comprehendo finalmente o fim do seu jornal!

LEONOR

E não é justo?

LUIZ

É tão transcendente a proposição que V. Ex.ª acaba de me apresentar que... não encontro phrases para lhe expôr tudo quanto penso a tal respeito.

LEONOR

Como é modesto, senhor doutor.

LUIZ

Mas, pelo que pude deprehender do que V. Ex.ª disse, o seu jornal tem por fim, unicamente, fazer modificar umas leis onde a mulher apenas julga encontrar abandono e desamparo?

LEONOR

É um protesto contra essa oppressão que nos avilta. Conheço que a lucta ha de ser renhida e que a resistencia ha de ser vigorosa... Não importa!... se todas as mulheres tiverem a coragem e a resolução de que eu estou possuida, affirmo-lhe que o triumpho não póde ser duvidoso. Este jornal é o grito d'alarme que incutirá no animo das mais fracas a coragem para se revoltar...

LUIZ

Mas que quer V. Ex.ª?

LEONOR

Quero ter os mesmos direitos que meu marido?

LUIZ

E não os tem, minha senhora?

LEONOR

Não, porque a lei diz que a mulher deve sempre obediencia a seu marido, logo a minha vontade está sempre dependente da d'elle, o que é uma oppressão. Se eu ámanhã me affastar dos meus deveres conjugaes, elle tem o direito de me matar, ao passo que eu, se fôr trahida por elle, tenho apenas como recurso uma separação, ou o chorar na solidão do meu quarto. Os juramentos foram reciprocos, logo os deveres e os direitos devem ser eguaes.

LUIZ

Mas, minha senhora, V. Ex.ª unindo-se a seu marido prestou aos pés do altar dois juramentos, um de obediencia e outro de fidelidade. Parece-me que ninguem obrigou V. Ex.ª a casar, e que foi por sua livre vontade que se ligou a seu marido; sobre esse ponto não póde V. Ex.ª queixar-se da lei que a não obrigava a casar, mas que casando a obriga a obedecer. Emquanto ao segundo ponto a questão é muito diversa.

LEONOR

Diversa?

LUIZ

Sim, minha senhora, os animaes mais inferiores guardam cuidadosamente as femeas da sua especie,

e não consentem que os seus congeneres lhes toquem. Qual é a rasão porque essas féras, que não teem senão o instincto do bem estar e do prazer, se não revoltam? Porque é que ellas se submettem docilmente, em geral, ao jugo que o outro sexo lhes impõe? É porque acima de tudo ha uma coisa que se denomina a harmonia da natureza.

LEONOR

Admittamos isso por agora. Porque é que á mulher lhe é vedado ter um logar na communa social egual ao do homem?

LUIZ

Porque o homem a quiz divinisar.

LEONOR

Palavras amaveis e de namorado... E á mulher que nasceu pobre, o que é uma bem triste recommendação, se não encontrar um marido e sendo-lhe prohibidos todos os esforços para encetar uma carreira publica, quem a protegerá?

LUIZ

Tem o recurso do trabalho honesto proprio do seu sexo.

LEONOR

Comprehendo. A servidão sempre.

LUIZ

Sim, a servidão que não deshonra, a servidão que não humilha e não avilta. Pois o homem está por ventura isento de servir o seu semelhante? Os mimosos da fortuna são raros, e na verdade V. Ex.ª, re-

flexionando a sangue frio, reconhecerá que o sexo que V. Ex.ª julga querer dominar o seu, desde que entrou no mundo, só tem uma preoccupação que occupa toda sua existencia, é ser-lhe agradavel e soffrer pela mulher. Emfim V. Ex.ª queixa-se porque o homem escolheu para si os trabalhos mais rudes que lhe tornam as mãos calosas, porque anda exposto ao calor, ao frio e á chuva, porque escolheu vestidos grosseiros e envolveu a mulher em sêdas e rendas? — Oh! minha senhora! ... os homens são maus, egoistas e tyrannos, porque vão debaixo do sol ardente dos tropicos desenterrar as pedras preciosas que lhe fazem realçar as bellezas do collo, lhe adornam os cabellos e lhe entrelaçam os braços niveos e assetinados? Os homens são dominadores porque andam sempre expostos a mil perigos e não consentem que suas mulheres os partilhem, preferindo livral-as, como flôres mimosas, da geada fria da noite e dos raios ardentes do sol, desejando elles sós arrostarem com as intemperies da natureza e com esses mil dissabores que na vida publica se encontram a cada passo? É porque vão aos campos de batalha expôr a vida pela vida de suas mulheres? Sim, o que é a patria para o homem? É a sua mulher, a sua casa. E para que não soffram vae expôr-se á morte no turbilhão d'um combate infernal, na perspectiva de ter unicamente a terra humida e fria como leito mortuario, e por lagrimas, na agonia, o orvalho do céo! Acha pouco, minha senhora?

LEONOR

Mas é contra tudo isso que eu me conspiro; é essa a sua principal injustiça; porque praticando os

homens todas essas coisas impedem que nós as pratiquemos tambem, ficando sempre para elles a gloria e para nós o dever de os laurear, reduzindo-nos ao papel de coisas de que elles são donos. Em logar de companheiras no infortunio e na alegria, somos propriedades suas de que pódem dispôr a seu bel prazer. A mulher e a casa!... que infeliz parallelo, senhor doutor. A mulher vive e a casa é inanimada, e quando o marido morre tristemente, como disse, no campo da batalha, quem fica para defender a casa são os braços frageis que desdenham, e que, se afinal succumbem debaixo dos seus escombros, é com a mesma coragem que os prostrou no campo de batalha. Houve, eu sei, um philosopho da antiguidade que disse:—A mulher é o animal que mais se approxima do genero humano.—Para o dizer era preciso não ter tido uma mulher por mãe, ou não ter coração... Veja até aonde os tem levado o orgulho e a vaidade... e a que sacrificam os sentimentos mais puros e santos. *(Exaltada)*. Não teremos nós a mesma coragem para o sacrificio e a mesma dedicação para morrer? Por ventura temos sido poupadas nas revoluções que teem atravessado a historia? Vamos; responda?... Ficou mudo... Já o esperava. O casamento, como eu o comprehendo, é constituido por duas almas que se encontram attrahidas pelo amor, por dois corpos que se juntam pela sympathia e que se reproduzem pelas leis da natureza. O filho é de ambos, e a mãe que o traz nove mezes no seio e que o lança ao mundo entre mil dores e mil perigos, não deverá ser ouvida na formação d'essas leis que hão de regular o futuro d'esse fructo das suas entranhas? *(Senta se extenuada)*.

LUIZ

(Depois d'uma pausa). Minha senhora, parece-me que tem uma filha?

LEONOR

Tenho.

LUIZ

Então, não lhe parece que o velar junto do berço estremecido d'uma filha, a quem se deu o ser, não compensa sufficientemente aquillo que diz faltar-lhe?

LEONOR

Mas...

LUIZ

Só a mulher póde dar ás creancinhas o carinho e a ternura de que ellas precisam, guiar-lhes o espirito fluctuante e formar-lhes a alma angelica para poderem resistir no futuro ás seducções mundanas e ficarem fortalecidas contra os embates da sorte. É este um privilegio das mulheres e que o homem, por mais que deseje e queira, não póde desempenhar convenientemente. A primeira palavra que pronunciam aquelles pequeninos seres é—mãe. Não traduzirá esta simples palavra um triumpho da mulher sobre o homem? Com certeza. Em quanto a mulher recebe o primeiro sorriso de seu filho, as suas primeiras caricias e affagos, elle escreve, tiritando de frio, n'uma secretaría de estado, e á noite, ao recolher ao lar domestico, fica sufficientemente pago pelo seu labutar quotidiano, vendo no rosto da esposa estremecida um sorriso e o filho dormindo descuidosamente, defendido pela sua ternura. Se a mulher podesse des-

empenhar na sociedade qualquer logar ou emprego, os deveres da sua profissão affastal-a-hiam do lar; e então quem trataria do filho?

LEONOR

E as amas para que servem?

LUIZ

São mães mercenarias a troco d'uma libra por mez.

LEONOR

Não tenho tempo para concluir esta discussão, porque me esperam na typographia. Meu marido escolheu um bom advogado, pena é que não consiga convencer-me. É um homem de talento; Julio tinha-m'o dito.

JULIO

(Entrando. A Luiz). Estou ás tuas ordens, meu amigo. *(Baixo a Leonor, entregando-lhe um masso de notas)*. Aqui tem o dinheiro.

LEONOR

Desculpe-me, senhor doutor, se me retiro, mas como sabe, preciso sahir immediatamente.

LUIZ

Sem incommodo, minha senhora.

(Leonor sae).

SCENA VII

Julio e Luiz

JULIO

Que te pareceu minha mulher?

LUIZ

Muito doente.

JULIO

Doente sem cura?

LUIZ

Não vamos tão longe. Eu espero cural-a.

JULIO

Como?

LUIZ

Verás. Estive-lhe prégando um pequeno sermão, que não é mais do que o prologo d'uma pequena comedia que tenho na mente, e que póde salvar tudo ou perder tudo.

JULIO

Explica-te.

LUIZ

Ainda não; vem comigo porque temos precisão de nos caracterisar para entrarmos em scena.

JULIO

Mas...

LUIZ

Não me faças perguntas... Dize-me — o teu creado é esperto?

JULIO

De... mais.

LUIZ

Bem, então vem comigo.

(Saem ambos).

SCENA VIII

Leonor (só)

(Entra preparada para sahir com um volumoso masso de papeis debaixo do braço, e uma carteira de notas na mão esquerda; senta-se junto d'uma meza a contar as notas). ...Dezoito, dezenove e vinte. Está certo, são os duzentos mil réis. *(Fecha a carteira).* Pobre doutor Luiz! quem o ouvisse fallar parecer-lhe-ia que era elle o meu marido!... Os homens, os homens!... Meu marido quiz advogado, mas perdeu a demanda, meu senhor Julio. *(Vae para saír quando entra o creado).*

SCENA IX

Leonor e o Creado

CREADO

(Assustado). Ai! minha senhora!

LEONOR

O que é? o que succedeu?

CREADO

Uma grande desgraça, uma grande desgraça, minha senhora.

LEONOR

Uma desgraça?

CREADO

Coitadinha... tão linda, tão gordinha que era mesmo um gosto vel-a... que grande infelicidade!

LEONOR

Mas de quem queres fallar?

CREADO

Não tenho animo para lh'o dizer.

LEONOR

Dize, que eu tenho animo para tudo.

CREADO

Eu lhe digo, minha senhora, mas revista-se de muita coragem... a menina...

LEONOR

Minha filha!

CREADO

Estava com a ama a brincar ao pé da escada do jardim... ai, minha senhora!

LEONOR

Acaba.

CREADO

A ama precisou ir ao seu quarto e deixou a menina só...

LEONOR

Dize, não vês que me matas!

CREADO

A menina cahiu pelas escadas, bateu com a cabeça no ferro do guarda lama e ficou como morta, n'um charco de sangue.

LEONOR

Ó querida filha!... Malditas amas!... *(Corre para a porta.)*

CREADO

(Antepondo-se). Não vá, minha senhora, não vá.

LEONOR

(Repellindo-o). Deixa-me, quero vel-a. *(Ao querer transpôr a porta encontra Luiz. Creado sae).*

SCENA X

Luiz e Leonor

LUIZ

Onde vae, minha senhora?

LEONOR

Soccorrer minha filha!

LUIZ

Seu marido pediu-me que lhe impedisse a entrada no quarto de sua filha.

LEONOR

A mim!

LUIZ

A V. Ex.ª, sim, minha senhora.

LEONOR

E com que direito?

LUIZ

Diz elle que o logar do culpado não é ao pé da victima.

LEONOR

(Escondendo o rosto entre as mãos). Fui eu, então, que matei minha filha?

LUIZ

É pelo menos a causa da sua morte.

LEONOR

Eu?... É de mais!

LUIZ

Pois quem?

LEONOR

Não deve pensar assim d'um coração de mãe.

LUIZ

Mãe!... ninguem o acreditará.

LEONOR

(Com violencia). Lembre-se que está em minha casa, sr. Araujo... affaste-se... deixe-me ir vêr minha filha!

LUIZ

V. Ex.ª não tem o direito de entrar ali.

LEONOR

Não tenho direito?!... quer enlouquecer-me?... será o senhor um carrasco?

LUIZ

Não sou um carrasco, sou a rasão. V. Ex.ª, repito, não tem o direito de entrar ali. Está lá, é verdade, uma creança moribunda a quem deu o ser, mas que abandonou sem piedade, e n'este momento não tem o direito de lhe ir dizer—filha aqui está tua mãe. Quem tem o dever de fechar os olhos de sua filha é unicamente a ama a quem a senhora cedeu todos os seus direitos. Pois quem foi que lhe deu o peito onde a pobresita saciava a fome? Foi a ama. Era um peito sem ternura, sem o amor da maternidade, um peito que se vendia e que se pagava, mas a infeliz não tinha outro: era o leite da ama que ella bebia sofregamente, um leite amargo, regateado muitas vezes, sem a doçura d'um peito terno, mas... se a pobresita não tinha outro!

LEONOR

(Entre lagrimas e soluços). É cruel, senhor doutor, é cruel.

LUIZ

Quero poupal-a á humilhação de se abeirar do berço de sua filha e ella a não reconhecer... E depois, para que é preciso n'este momento ir-lhe dizer —filha aqui está tua mãe?... No momento em que se morre? É uma irrisão. Não póde ser. Sua filha só com indifferença, senão com enfado, receberá as suas caricias; as ultimas expansões da creança hão de ser

unicamente para a ama... para ella não ha outra mãe. Sim, o seu derradeiro olhar não póde, e justamente, deixar de ser senão para a mercenaria que lhe serviu de mãe a troco de uma libra por mez, a intrusa é que hade receber o seu ultimo sorriso... E porque se admira?... Não foi ella que lhe emballou o berço emquanto a senhora escrevia um livro social? *(Fitando-a)*. É já tarde, minha senhora, para reivindicar os seus direitos.

LEONOR

Tarde?! ..

LUIZ

(Brutalmente). Sim, sua filha está morta.

LEONOR

(Com desespero). Morta!... Mente, mente... é impossivel... Deus é bom e não podia levar-me tão cêdo a minha filha... não podia punir-me tão cruelmente do meu desvario... Deixe-me passar, deixe-me passar.

LUIZ

Deus levou-lhe a sua filha porque a quiz guardar para si; a mulher que abandona os seus filhos é indigna de ser mãe.

LEONOR

Perdão!... é horrivel... Deixe-me ir pedir perdão a minha filha.

LUIZ

Para que? se ella está morta. A ama bastou durante a vida, é tambem o que basta depois da morte.

Duas vellas accesas durante a noute, a cruz do Redemptor que a salvou e a ama dormindo descançadamente, é o que é preciso para vellar aquelle cadaver. *(Com força)*. É uma creança de menos?... que importa? a terra é grande bastante para a cobrir. A senhora tem deveres mais importantes a considerar; tem de ir á typographia fazer imprimir um jornal, que é o grito d'alarme dado por uma mulher que era mãe a todas as mães para que abandonem os filhos... pois então, as leis que obrigam a mulher a vellar pelas creancinhas, a formar lhes a alma e a defendel-as com a sua ternura dos perigos que desconhecem, não são umas leis más? Vá, minha senhora, vá!... Que precisão tem de entrar ali?

LEONOR

Quer matar-me?... Tinha rasão ainda agora.

LUIZ

Ah! reconhece-o?

LEONOR

O logar da mulher é junto do berço de seus filhos.

LUIZ

E as amas para que servem?

LEONOR

Perdão! perdão! Peço-lh'o de joelhos. *(Ajoelha de mãos postas)*.

LUIZ

(Levantando-a). Que faz, senhora? de joelhos a meus pés! Ajoelhe lá dentro, ao pé do berço de sua filha.

LEONOR

(Sahindo). Filha, filha!

LUIZ

Só ella a póde salvar.

SCENA XI

Luiz (só)

Eis a mulher. Comprehendeu finalmente que é a ella que pertence a missão mais difficil n'este mundo: revoltava-se ha pouco porque não tinha o mando e convenceu-se finalmente que para reinar lhe basta o amor... E para conseguir isto, bastou a morte de uma creança. É que a natureza não póde ser vencida pelas utopias da civilisação, que ás vezes se torna uma verdadeira decadencia. A mulher tudo póde, menos deixar de ter coração.

SCENA XII

Julio e Luiz

JULIO

(Entrando). Estou inquieto pelo resultado da tua comedia.

LUIZ

O primeiro acto não deixou de produzir effeito, o segundo está-se representando agora; falta o epilogo. Qual será elle?

JULIO

E minha mulher?

LUIZ

Está ao pé da filha que espero a ha de salvar.

SCENA XIII

Os mesmos e Leonor

LEONOR

(Entra pensativa sem reparar em Julio e Luiz, e vae sentar-se, com cabeça apoiada entre as mãos, junto da meza). Que lição!

JULIO

(Chegando-se a ella meigamente). Leonor!

LEONOR

(Lançando-se nos braços do marido). Oh! meu Julio, perdoa-me! *(A Luiz).* Ia-me matando.

LUIZ

Desculpe-me, minha senhora, eu tinha promettido a Julio que lhe havia de restituir a esposa.

LEONOR

E conseguiu-o.

LUIZ

Trabalhava pelo seu interesse, a senhora estava tão doente...

LEONOR

Diga antes que estava louca. O senhor n'um minuto fez me conhecer a minha loucura e restituiu-me a rasão. E uma creança bastou para me desviar do abysmo em que ia despenhar-me. *(A Julio*

n'um transporte de paixão). E tu, Julio, poderás ainda amar a tua Leonor?

JULIO

(Apertando-a nos braços). Não vês as lagrimas que me innundam os olhos? São lagrimas d'alegria. Se não te amasse loucamente, já te tinha abandonado. *(A Luiz)*. Nunca me esquecerei, meu amigo, que foste tu quem me restituiu a esposa.

LEONOR

É um medico verdadeiro, sr. Araujo; cura com veneno.

LUIZ

Mas eu disse-lhe a verdade.

LEONOR

A verdade! A minha filha não cahiu nem está morta; brinca alegremente no jardim.

LUIZ

Então fui eu, ou o creado, quem se enganou. O que eu lhe pretendia dizer era que se devia prevenir a queda, collocando, por exemplo, uma grade no cimo da escada, e essa grade, parece-me que para ser completamente efficaz, é preciso ser guardada pela ternura de uma mãe.

CREADO

(Annunciando). A Sr.ª Sousa da Costa Bastos.

LEONOR

Diz-lhe que a não recebo.

JULIO

Não, que entre. Quero que apprenda a não voltar aqui. Introduz essa senhora.

LUIZ

É bom dar-lhe uma lição. É uma especuladora.

JULIO

O philoxera, como disseste ha pouco.

SCENA XIV

Os mesmos e a Sr.ª Bastos

SR.ª BASTOS

(Entrando e dirigindo-se a Leonor). Inquieta pela sua demora, voltei para saber se tinha algum incommodo que a impedisse de ir á typographia *(Baixo)* e tambem por causa d'aquella bagatella em que lhe fallei. Torna-se urgente.

LEONOR

(Alto). É-me impossivel satisfazer n'este momento os meus compromissos, e peço-lhe, minha senhora, que me julgue desobrigada de todos.

SR.ª BASTOS

(Admirada e exaltando-se) É a Sr.ª D. Leonor que me diz isso?

JULIO

Pelo menos assim parece.

LUIZ

Eu peço-lhe desculpa, se me vejo obrigado a

rescindir a assignatura do seu jornal, mas consultando a minha receita e as minhas despezas, convenci-me de que aquella não dava verba para desperdicios.

SR.ª BASTOS

Vejo, claramente, que isto é obra sua, Sr. Araujo.

LUIZ

Uma obra de misericordia—dar bons conselhos.

SR.ª BASTOS

Mas isto não póde ser assim, não se fazem compromissos de certa ordem para depois vir dizer á queima roupa—Estou desobrigada de tudo. *(Á parte).* Como hei de agora pagar á modista?

LEONOR

Minha senhora, não quero que pela minha parte fique n'uma posição melindrosa; esta carteira contem os duzentos mil réis que me pediu.

(Entra a filha de Leonor que ella toma nos braços e beija).

LUIZ

(Apoderando-se da carteira). Não póde dispôr d'este dinheiro, Sr.ª D. Leonor, pertence ao dote de sua filha.

LEONOR

(Entregando a filha nos braços de Julio. Á Sr.ª Bastos). Bem vê, collocaram sobre a minha cabeça a espada de Damocles.

SR.ª BASTOS

(Indignada). Que hei de fazer agora?

LUIZ

(Á Sr.ª Bastos). Eu vou jantar ao meu hotel e se V. Ex.ª quizer, posso acompanhal-a, á porta da rua.

SR.ª BASTOS

Sr. Araujo, repare que eu sou uma donzella.

LUIZ

Uma donzella! *(Ironico)*. Comprehendo agora porque faz tanta guerra aos homens.

SR.ª BASTOS

Basta! *(Sae enfurecida)*.

SCENA XV

Os mesmos menos a Sr.ª Bastos

JULIO

(Pondo no chão a filha que começa a brincar descuidosamente). Até que emfim-se foi; espero que não voltará.

LEONOR

(Ternamente). Julio.

LUIZ

Eu retiro-me.

JULIO

Janta comnosco.

LUIZ

Seria uma impertinencia da minha parte; casa-

ram hoje pela segunda vez e vão ter nova lua de mel. *(Á Leonor)* Espero que seja longa.

LEONOR

Hade ser eterna.

LUIZ

(Apertando a mão de Leonor). Cuidado com ellas, minha senhora. As mulheres que votam são o philoxera da sociedade. *(Comprimenta e sae)*.

FIM

NOS BASTIDORES

Vestida de *florista*, a saia curta,
Deixando vêr o pé, mimoso e breve,
Calçado em bom chapim da côr da murta,

Assim foi ella ao baile. E quem descreve
A graça com que soube, a minha amante,
Em fogo transformar... a propria neve!?...

Mas ao voltar da festa, triumphante,
Pediu-me lhe valesse, complacente,
Á sua grande dôr, tão lancinante!...
...Cortei, cortei-lhe o callo, e brandamente..

A. Thomaz Pires.

Eduardo Pimenta

O ZÉ ALBARDEIRO

(CONTO)

A ANTONIO PIRES.

Muito branca de cal, abrindo sobre o largo da Cadeia, por um pateo irregular, a estalagem Duarte, era o centro do grande movimento da terra. Todo o dia e durante a noite inteira, o lume crepitava alegremente na chaminé, esfumando a boneca, em volta da qual aqueciam as grandes panellas de barro. Na guirlanda ao fundo, o arame reluzia projectando os clarões avermelhados do fogo que lavrava em linguas sibillantes, nos madeiros d'azinho. Do tecto escuro de traves pretas, pendia uma caniço cheio de queijos, suspenso das vigas por duas cordas, em cujos nós passavam dous cantaros de barro, com os bocaes voltados para o chão. De instante a instante a guizalhada das mullas que seguiam para a quadra á esquerda do pateo, acompanhava infernalmente, as pragas dos almocreves que entravam. Junto da parede empilhavam-se as caixas dos vendedores ambulantes bebendo alegres, junto do balcão, onde a tia Chibata media o vinho de Campo Maior, espumando sangrentamente n'um copo, que corria pelas mãos dos freguezes fallando ao mesmo tempo, n'um grande ruido de discussão. Em cima, nos quartos, as guitarras ge-

miam um fado triste, ou rhythmavam, pinçadas nervosamente nas cordas d'aço, os requebros d'um fandango, que o Zé Albardeiro sapateava, tamborilando nos tijolos do chão, com os tacões largos dos seus sapatos brancos em cujas prateleiras brilhavam argentinamente as grandes esporas vaqueiras. A estalagem era o bazar enorme, onde se juntava aos domingos toda a gente d'Arronches. Alli, ultimavam-se as transacções, fazia-se subir ou descer, como n'uma bolsa, a renda d'uma herdade, o custo dos cevados, ou as qualidades d'uma poldra.

Flor exotica, n'aquelle meio, vinha algumas vezes, transformar a movimentação cupida da ganancia, a pesença da Rosaria da Faia, o typo feminino mais perfeito dos arredores. Quando ella chegava do monte, a visitar a tia Chibata, havia sempre festa rija, com grandes desafios, uma labareda de desejos, promessas de casamento, erupção apaixonada de compromissos amorosos. A Rosaria, muito morena, de fortes hombros e rijos quadris, sorria alegre, mostrando por entre os labios acerejados uma fieira de dentes muitos brancos, fitava o cantador no fundo dos olhos, e passando alegre nos braços musculosos do seu par, no volteiar da *remechida,* respondia aos galanteios com promessas vagas, sempre esquivamente enygmaticas.

No fim da noite, uma fadiga invencivel fazia parar as danças; e emquanto cada um procurava o caminho da sua casa, acordando a tranquilidade serena da noite, a voz fresca da Rosaria, como um adeus alegre e descuidado, trinava as notas arrastadas d'uma canção que o Zé Albardeiro improvisara n'uma expansão de sentimentalismo:

Oh minha pombinha mansa
Cautela com o gavião,...

Agora começara a faina da lavoura. O Zé Albardeiro andava de monte em monte, n'uma tarefa constante. Ás segundas, partia logo de manhã cedo, seguia no travado da egua pela villa fóra, atravessava a ponte e tomava a estrada da Faia. N'uma volta do caminho, ao fundo da horta que vinha orlar a margem esquerda do Caya, lá o esperava a Rosaria, para trocarem uns bons dias rapidos, mas cheios de promessas. Elle tinha sempre um dito galante, uma palavra amavel, que a fazia purpurejar timida; mas assim que elle desapparecia pela coutada, a Rosaria ficava alli suspensa, com o queixo pousado na palma da mão, olhando tristemente o caminho deserto, onde o pó levantado pelos cascos da egua, punha uma palpitação de vida, contrariada comsigo propria por lhe não corresponder ás continuas amabilidades.

Aborrecia-se todo o dia na solidão do monte, sonhando com os bailes em casa da tia Chibata, repetindo machinalmente as cantigas do Zé Albardeiro e relembrando as suas phrases quentes, ditas com uma despreoccupação sincera. Aos sabbados lá regressava elle á villa; e pela tarde, tornavam a encontrar-se no mesmo sitio, elle sempre festivo e galanteador, ella sempre confusa e receiosa, mas aguilhoada pelo desejo de o demorar um pouco mais e de ficarem alli, esquecidos na ternura de confidencias mais longas, ciciadas em voz baixa.

Desvendar-lhe os seus receios, as suas duvidas; e sobre tudo prevenil-o das iras do pae, que lhes espiava os menores movimentos, fazendo-lhe recriminações azedas, instinctivamente acrimoniado de phra-

ses irritadas, contra as audacias d'elle, suspeitando d'esse amor nascente, que a tomava toda. Fallava-se de ha muito, n'uma festa rija, por occasião da tiborna, no lagar de S. Pedro.

Para esse dia a Rosaria confeccionara um lindo vestido, e passára a manhã a ensaiar o penteado ao espelho, achando-se agora mais pallida, um pouco perdida a côr do rosto, alquebrada por uma lassidão morbida e por uma inquietude enervadora.

O sitio do baile era uma vasta quadra atijolada, de telha vã, contigua ao lagar, e abrindo para a estrada. A roda da azenha batida pela agua que cahia do caneiro, remoinhava n'um torvellinho constante. N'uma onda crystallina o rio engrossado pelas cheias da hynvernada saltava do açude; para o largo, desenrolava-se a immensa planicie viridente, rasgada de sulcos parallelos.

Do lado de cima, na estrada dos olivaes, as carretas alemtejanas, com as parelhas amarradas ás lanças, os tejadilhos engrinaldados de sanefas de côres garridas, enfileiravam-se ordenadas, como n'um acampamento. Havia, em torno do lagar, uma grande agitação de festa. A montante do enthusiasmo ia subindo á medida que os copos a trasbordar de vinhos capitosos passavam, accendendo a febre da alacridade. As raparigas, muito dengosas, encostadas aos braços dos pares, dançavam em volta da quadra com as cabeças inclinadas nos hombros musculosos dos rapazes, semicerrando os olhos estonteados, pelo voltear rhythmado. As canções dolentes e tristes, succediam-se umas ás outras, com um resaibo ao mesmo tempo saudoso e sensual.

De vez em quando, a voz abarytonada do Zé

Albardeiro, quebrada de fioritures, cheias de brilho, dizia uma cantiga apaixonada, que incidia como um sol, desfazendo o retrahimento da Rosaria, meio vencida pelo calor da dança e quasi abandonada á cupidez d'aquelle desejo ardente, que a devorava. Dominava-os uma necessidade involuntaria de reagir contra a pertinacia do pae d'ella, suggestionado pela coscovilhice e envidando toda a sua força em separal-os para sempre. Era inevitavel aquella tendencia amorosa.

Uma attracção desconhecida approximava-os. N'ella havia um incitamento de curiosidade; n'elle, uma cupidez desenfreada, de mixto com uma adoração pantheista, que o levavam a dizer-lhe phrases ardentes ou palavras meigas de uma ternura infinita.

Muito juntos, a Rosaria sentia-lhe o halito quente proximo do rosto, e involuntariamente, deixava-se levar nos braços d'elle, dançando quasi authomaticamente e sentindo a arca forte do peito comprimindo-lhe os seios duros e fartos. Pouco a pouco a animação cresceu, subiu de ponto. A Rosaria, tremula e inconsciente, pediu-lhe baixo, que a deixasse por um instante sequer. — Necessitava de ar, de muito ar! Estava tão quente, alli dentro.— Elle levou-a á porta, fallando-lhe sempre com uma insistencia, cada vez mais teimosa.

Ella olhava o céu, d'um azul carregado, onde luziam, humidamente luminosas, centenas de estrellas. Já fóra, os dous muito unidos, tomaram o caminho do talude; em torno d'elles havia um silencio discreto, emquanto dentro da quadra, continuava o barulho ensurdecedor da festa. Elle fallou-lhe muito baixo; idéas vagas d'um futuro risonho, promessas

de casamento, compromissos inaddiaveis, e ella presa á corrente das suas phrases, entregou-se-lhe nos braços com um soluço fundo, perdida toda a força resistente da virgindade.

*

* *

A casita branca que olha da Porta Nova, a estrada da Esperança, poisava sobranceiramente á horta do Gouveia. Era essa a sua nova morada, depois que fôra necessario sanar pelo casamento a falta da Rosaria.

Nada mais pittoresco que a pequenina casa, com as duas janellas pintadas a verde, donde se avistava a longa série de hortas que marginam a ribeira. Declinando em socalcos cheios de oliveiras, as escabrosidades dos terrenos desappareciam sob a verdura compacta. E defronte, mais para largo, passadas as poldras erguidas no remanso das aguas, lá estava subsequente ao pégo do Sancho, meio escondido entre a folhagem, o moinho do Tinte, em cujo telhado dezenas de pombos arrulhavam todo o dia ; para o alto, no vertice da encosta, a ermida de Santa Luzia parecia abençoar festivamente a juncção da ribeira d'Arronches, correndo entre terras vicejantes, e movendo as azenhas, com o rio Caya, forte pela corrente, contorcionado de revoltas espumantes contra a aspereza brava do seu leito pedregoso.

A alegria exterior correspondia a voz da Rosaria, muito cuidadosa do seu ninho tepido e fofo, cantarolando todo o dia, agora mais fresca e mais louçã.

Á tarde, as raparigas que iam para a fonte, viam-n'a a uma das janellas, amamentando uma rechonchuda creança muito escondida na baeta vermelha.

Que bem tinha corrido aquelle primeiro anno! Uma lua de mel, ininterrompida e constante. O Zé trabalhava até quasi á noute. Volvendo a casa, atirava para um mealheiro os proventos do dia e em seguida ia ter com ella junto da chaminé, onde punham a meza e onde os dois fallavam de manso, emquanto comiam a collação da noite, entre o ciciar d'um beijo e algum aproposito malicioso que os fazia rir, na alegre despreoccupação d'uma felicidade completa.

Mas agora, á medida que a monotonia dos dias ia passando, n'uma cadencia egual, sem os attractivos das romarias, das touradas de vara larga, e dos bailes de candeia, impensadamente sentiam-se arrastados por uma força extranha que os separáva, máu grado seu, do conchego do lar domestico. Não se desavinham.

Nunca houve entre elles uma phrase mais aspera. No entanto o Zé ficava-se horas esquecidas, jogando ao *chito* no largo da Cadeia, ou beberricando copinhos em casa da tia Chibata. Pouco a pouco tomava-o uma tentação irresistivel de beber. Aos primeiros copos sentia-se nauseado, mas á medida que se internava na vinhaça, via-se outro, expansivo, terno, com uma tendencia invencivel para a orgia das cantilenas, que dizia ainda com graça, como outr'ora, mas com uma voz velada pela laryngite alcoolica.

Ás vezes, sentia tremores involuntarios, em todo o corpo, abalos repentinos, fazendo-o vibrar eston-

teado de deslumbramentos fugazes na vista, sobrexcitado por delirios extravagantes que o obrigavam a erguer-se bruscamente no leito, solicitado por allucinações indefiniveis.

Abandonava o trabalho. E dias sobre dias esbanjava o mealheiro, fugindo de casa, ás escondidas, como um ladrão, bebendo com os ciganos, com os vendedores ambulantes e com os almocreves, até cahir de todo, afogado n'uma somnolencia entorpecedora.

A Rosaria assistia á derrocada do seu ninho, que o amor creara, rescaldo quasi apagado, onde crepitava ainda uma unica scentelha, um filho, encanto dos seus olhos e o derradeiro fio, que a prendia á vida. Trabalhava sempre infatigavel. As mãos finas callejavam-se trituradas pela dureza do sacho, e os seus dedos afuzados, tornavam-se grosseiros, as unhas partidas nos rebordos, perdida a macieza da pelle pelo rude labor dos campos.

O pae d'ella vinha ás vezes procural-a e obrigava-a a confessar-lhe o estado da casa, aconselhando-a a que voltasse ao monte, onde encontraria a solicitude nunca mentida dos seus.

A Rosaria desculpava-se e desfazia as impressões desfavoraveis que o pae tinha a proposito da vida desregrada do Zé Albardeiro. O velho sorria malicioso e incredulo, e á sahida tinha a mesma phrase azeda: — Vê lá como te portas. O unico meio é acabar com isto de vez.

O Zé Albardeiro já não cedia aos rogos, nem ás instancias da Rosaria; não conhecia agora outro rumo, que não fosse a taverna.

Quando volvia a casa, depois de longas orgias,

tinha expansões de ternura impotente. Contrariado comsigo mesmo, entrava em crises terriveis de colera, quebrando os moveis, fazendo gestos desordenados, a marcha incerta, o olhar desvairadamente brilhante, nas faces encovadas, rosetas largas d'uma côr vinolenta; e quando o tremor o invadia com uma violencia desordenada, era-lhe forçoso e imprescindivel continuar bebendo.

*

* *

A noite enchera de treva caliginosa e negra o largo da Cadeia. Grandes rajadas de vento assopravam lugubremente, ao longo das ruas desertas. Em grandes cordas continuas, a chuva cahia torrencialmente.

No quarto, esclarecidas as paredes nuas por uma candeia fumarenta, a Rosaria via alargar-se em volta de si, o horisonte torvo d'um abandono immerecido. Era como que um vacuo enorme, um aniquilamento completo das phantasias tanta vez sonhadas, e agora mortas, desfeitas por uma desillusão terrivel. Lembravam-lhe os conselhos do pae.

Um raio d'esperança acalentava a sua pobre alma de mulher esquecida, pela obcecação d'um vicio imperdoavel. Tomada d'uma resolução definitiva, beijando o filho em todo o corpo, com uma ternura doida, dos anneis dos cabellos d'oiro até os pequeninos pés rosados, uniu-o ao seio, embrulhando-o nas pregas do chaile, com que se cobrira. Continuava a tempestade, mas parára a chuva. Chegou á porta

da casa. Corajosa e animada, a Rosaria fugia para o monte da Faia.

Ao fundo da horta do Gouveia o rio mugia, inchado pelas aguas barrentas que vinham das serras. E emquanto ella, a correr, allucinada e fugitiva, seguia pela estrada fóra, nas intercadencias da ventania, do lado da estalagem Duarte, n'uma tristeza funda d'uma saudade enorme, a voz enrouquecida do Zé Albardeiro, gemia como um soluço de remorso :

> Oh minha pombinha mansa
> Cautela com o gavião !

The swallows' sweet sister

Andorinhas do amor,
Soltae no espaço uns limpidos bons dias
Á pequenina Flôr,
Ingenua irman das meigas cotovias!

Levae-lhe prezo ás tremulas azitas,
As azas ideaes,
Um ramo de saudades infinitas
E os meus beijos leaes.

Ide cantar-lhe nuns gorgeios santos,
O seu formoso abril!
—Alma ideal, feita de luz e encantos!
Espirito gentil!

Emquanto que eu em extasis, distante,
Ó loira Primavera!
Adoro-te, Formosa e Deslumbrante
Minha doce chimera!

Albertina Paraizo.

A. THOMAZ PIRES

A FOLHA DE FIGUEIRA

Alphonse Karr offerece-nos, no seguinte artigo, a historia da folha de figueira, que ouviu contar a um rabbino:

Nascida a mulher, a serpente, o mais astuto de todos os animaes, approxima-se e diz-lhe ao ouvido:

—Como és formosa!...

Em seguida indica-lhe, como extremamente saboroso, o fructo da arvore da sciencia.

—Eis um sujeito que me inspira grande confiança pela sua franqueza,—diz Eva—; decerto que não procura enganar-me, pois começou por me dizer uma grande verdade.

E levantando se, colhe a fructa, parte-a, e dá metade a Adão. Mas este fez pela primeira vez... o que continuou fazendo sempre: em vez de calcular que, tendo fatalmente de ceder, valia mais prestar-se a isso de boa vontade, desata a fazer reflexões, a dar conselhos, a recusar-se, a defender-se até ao ultimo reducto, para concluir... comendo a fructa, é claro!...

Eva, que tinha empregado todo o tempo das vacillações de Adão em morder com os seus magnificos

dentes a maçã, possuia já a sciencia do bem e do mal; ao passo que o seu companheiro ainda se conservava no estado de innocencia.

Quando Adão se decidiu, quando tragou a sua metade de maçã, quando por sua vez adquiriu a sciencia do bem e do mal, já a mulher lhe levava um quarto de hora de dianteira,—vantagem que conservou sempre.

Ora é precisamente isto o que constitue, e constituirá por todos os seculos, a nossa inferioridade relativa.

Eva comprehendeu n'um momento, com a ajuda de Satanaz, a importancia d'este quarto de hora, e apressou-se a aproveital-o, dando solidas bases ao seu imperio.

Começou a envergonhar Adão pela sua nudez, e inspirou-lhe a ideia de colher folhas de figueira para se cobrir.

Os rabbinos, que tudo sabem, deviam dizer-nos como se adaptavam e sustinham aquellas folhas, mas calam-se, os egoistas! Não havia ao tempo jornaes de modas, e a tradição não nos conservou ideia alguma a semelhante respeito. Pois é pena! que as modas costumam voltar periodicamente, e, se assim acontecesse á das folhas de figueira, ver-nos-iamos agora em seriíssimos embaraços.

O certo é que Eva, quando disse a Adão: «Meu amigo, tu, que és maior e mais forte, sobe e colhe-me uma das folhas d'aquella arvore», creava d'uma vez para sempre o pudor, o coquettismo, e a pretendida superioridade das forças do homem.

Desde esse momento fixou-se a sorte de ambos, e a de todos os seus descendentes.

A mulher conserva a dianteira d'aquelle maldicto quarto de hora, e sabe tudo um quarto de hora primeiro que nós.

O homem, sob pretexto de que é mais robusto, e mais intelligente, vae sempre empregando as suas forças, o seu valor, a sua energia, da mesma fórma.

Eva diz sempre a Adão.

—«Meu amigo, colhe-me essa folha de figueira», e Adão esforça-se por alcançal-a.

A folha de figueira soffreu grandes transformações desde a primeira Eva, e o meu amigo rabbino communicou-me algumas das variantes da moda nos tempos antigos.

A primeira figueira, cujas folhas se aproveitaram, foi o *ficus rubidinosa*, á qual succedeu o *ficus bengalensis* e posteriormente o *ficus virens* e o *ficus mauritana*.

Até á quarta geração foi moda a folha do *ficus repens*, muito pequena. A isto se chamava então decotar-se, como hoje se estylam vestidos pouco mais ou menos sem corpo.

Ao *ficus repens* succedeu o *ficus nymphæfolia*, o *ficus macrophila*, o *ficus scandeus* e o *ficus elastica*, chegando-se gradualmente á sêda e ao velludo.

Hoje em dia tem a tal folha quatorze e quinze metros, por causa das prégas, dos viezes, dos plissés, etc., e Eva continua dizendo a Adão:

—«Meu amigo, alçança-me aquella folha de figueira.» E Adão, para alcançar a folha, trabalha, amofina-se, passa as noites em claro, rouba, assassina e mata-se.

Um dos caracteres de origem que conservou sempre a folha de figueira, apesar das transforma-

ções, é que sécca, cae e é substituida por outra verde; e em quanto que a primeira folha, a que se vê ainda em nossos jardins e hortas, não se renova senão de anno a anno,—de progresso em progresso, a que empregam as mulheres, cae todas as semanas, ou pelo menos todos os mezes, e é preciso substituil-a.

As folhas mais bellas rebentam sempre em arvores muito altas, espinhosas e difficeis de trepar.

Adão vacilla algumas vezes, mas Eva diz-lhe:

—«Meu bom amigo, se te peço que me colhas a folha de figueira, não é tanto por mim; é para occultar aos olhares dos outros o que devo e quero conservar só para ti.»

No fim de contas, Eva, em vez de pensar em se conservar só para Adão, arranja a nova folha obtida, de modo que a imaginação centuplique o que a folha occulta.

O pudor presta-se maravilhosamente ao coquettismo.

Uma nova folha de figueira não serve senão para se obter outra, pela graça que presta á belleza.

—«Attende bem, diz Eva a Adão; se em primeiro logar te pedi a folha de figueira por pudor, não é isso motivo para que não te peça tambem a que está no ramo mais alto da arvore. As que estão nos ramos inferiores preencheriam o fim, e não te exporias tanto; mas quero que, ao verem-me, digam todos: «Olha Eva! A sua folha de figueira foi escolhida no pincaro mais alto. Não ha duvida que Adão é um homem forte e valoroso. Deve amar Eva com delirio.»

Adão responde:

—«É justo.» E lá vae o pobre diabo trepando pela arvore, contente, alegre e agradecido.

Alem das modificações successivas da folha de figueira, inventou Eva os accessorios, e servindo-se habilmente do quarto de hora de dianteira, em intelligencia, que tem sobre o homem, apresenta-lhe a necessidade d'esses accessorios sob o aspecto mais favoravel e lisongeiro:

—«Meu amigo, és o mais forte, és o meu senhor. Estou orgulhosa por te pertencer, e quero trazer os signaes caracteristicos da minha servidão. Fura-me as orelhas para que colloque n'ellas cadeados e põe-me argolas nos braços. Encadeia-me, agrilhôa-me, para mostrar a todos que sou tua serva.»

E é esta a origem dos brincos e das pulseiras. Alguns Adões deixam-se persuadir de que, assim como se trasfegam os vinhos finos para um duplo tonel, seria prudente encerrar Eva n'uma dupla cobertura de folhas de figueira: a esta segunda cobertura chama-se carruagem, a que costumam atrelar cavallos.

Finalmente todos os que se agitam, que correm, que se empurram, que pelejam e que se ferem —representam a eterna scena entre Adão e Eva:

—«Meu amigo, colhe-me aquella folha de figueira!...»

Hoje não admitte a moda senão as folhas dos ramos mais altos; o que faz com que quasi todos os Adões péllem as mãos, esfolem os joelhos, e fiquem, a maior parte das vezes, com os ossos quebrados.

JÉSUS

(DE JOÃO DE DEUS)

Dis, o mère, quel est celui
Qui est cloué sur cette croix ?
—C'est Jésus, mon fils, c'est lui,
Cette image que tu vois.

—Qui est Jésus, mère ?—c'est Dieu,
Qui du jour fit la lumière,
Qui t'a donné père et mère,
Qui a fait la terre et les cieux ;

C'est lui qui vint sur la terre
Enseigner la charité.
Que l'homme de l'homme est frère,
C'est lui qui nous l'a dicté.

—Quelle bonté ; quel amour !
Il est mort ?—Pourqu'un jour,
A la vérité éternelle
On croie, et meure pour elle.

L. C. Capdeville.

SANS TITRE

(DE JOÃO DE DEUS)

Pourquoi craindrais-je la mort ?
Au doux abri de la rose,
L'iris fleurit et s'endort,
Le lys grandit et repose.
Ah ! que de baisers sans nombre
Volent du sépulchre sombre !

En un long embrassement
Volent ces âmes si belles
Vers les voûtes éternelles,
Épelant au firmament
De l'amour les doux secrets,
Ses rêves et ses regrets.

Quand je mourrai, oh ! ma belle
Sur mon lit viens reposer,
Viens, ma douce tourterelle,
Sur mon sein viens reposer,
Sur mon cœur d'amour avide
Même sous le marbre humide.

L. C. Capdeville.

A. A. Martins Velho

A Rosa de Bankavali

CONTO BASEADO N'UMA LENDA INDIANA

Raghuparna, o poderoso monarcha de *Lanká* (1) o principe que pelo seu fausto e riquezas disputava primazia aos grandes radjás de Lahore e de Golconda, estava definitivamente cego.

Assim o haviam declarado os mais abalisados medicos da côrte e de todo o Hindustão, reconhecendo a impotencia dos seus esforços para combater o mal que affligia o glorioso soberano.

Debalde os brahmanes mais conspicuos pelo seu saber e virtudes haviam esconjurado o mal, segundo o ritual sagrado. Os *mantras* (2) do *Atharva Veda* não haviam dado resultado algum, os Devas mostravam-se indifferentes ao soffrimento do rei e ás imprecações e preces dos sacerdotes.

Debalde o cego *radjá* fizera proclamar ao som de trombetas em todas as nações visinhas, que daria metade das suas riquezas e do seu reino e a mão de

---

(1)—A ilha de Ceylão.

(2)—Mantras são os versiculos ou formulas mysticas de encantamento ou esconjuro— O Atharva Veda é o quarto livro sagrado dos Indios pertencente á collecção dos Vedas.

sua filha unica ao feliz mortal que lograsse restituir-lhe a vista.

Kusumita era com effeito uma belleza sem rival: formosa entre as formosas, o povo appellidava-a a perola de Lanká, e os bardos mais inspirados comparavam a alvura da sua tez á brancura mate do nenufar, o rosado das faces ao colorido ardente da madrugada, os labios á intensa coloração dos medronhos maduros, e os olhos de um brilho penetrante a duas fulgidas estrellas desprendidas do céu de Indra. Se do rosto desciam a apreciar-lhe o talhe gracil e esbelto, o porte airoso e nobre, comparavam-a ás fórmas donairosas da gazella, e sua plastica ideal e correcta á belleza sem par da divina *Laksmi.* (1)

E apesar d'este prodigio de belleza constituir o anhelo dos mais poderosos *radjás* do Hindustão, era já volvido quasi um anno que o rei cegára, sem que ninguem apparecesse a disputar a mão da gentil princeza.

*

Vivia então na côrte faustuosa de Hastinapura um principe gentil de uma bravura indomavel, Tajulmuluk. Jámais empreza alguma o fizera recuar, por ardua que ella fosse; dir-se-hia que a sua unica aspiração era luctar e triumphar do impossivel.

Ouvindo fallar da cegueira do rei de Lanká e da recompensa promettida áquelle que lhe restituisse a vista, Tajulmuluk disse aos que o rodeavam :—Se algum remedio existe capaz de curar *Raghuparna,* eu

(1) —Laksmi é a deusa da belleza, a esposa de Visnú, a Venus indiana.

o alcançarei, ainda que para o conseguir tivesse de o ir buscar ao fundo do oceano.

*

Um dia o principe desappareceu do palacio e embrenhou-se na floresta sagrada, onde se penitenciavam numerosos *vanaprasthas*. (1)

D'entre elles havia um appellidado *Nirghata* que á força de austeridades e penitencias e de meditar profundamente nos *Vedas* e *Upanichads* (2) cahia frequentemente em lethargia profunda, e n'esse estado gosava das faculdades de um vidente extra-lucido. A sua fama como adivinho estendera-se por todo o *Madyadeça* (3), e mesmo de longinquas regiões o vinham consultar.

Foi a esse virtuoso brahmane que o principe se dirigiu.

*

Cahia a tarde: o sol prestes a afundir-se nas aguas do cérulo oceano que rumorejava ao longe no extremo horisonte, coava seus fulgidos clarões por entre a ramaria espessa dos tamarindos, das mangueiras e coqueiros, pondo scintillações douradas nos fructos amarellos dos jambeiros que balouçavam ligeiramente ao perpassar da brisa da tarde.

Em baixo, á sombra nemorosa do bosque, que se estendia a perder de vista, crescia uma relva es-

(1)—Anachoretas.
(2)—Commentarios aos Vedas.
(3)—Paiz do meio.

pessa e alta, qual velludinea alfombra, d'entre cujo verde quente e humido brotavam aqui e ali, espalhadas como gotas de sangue derramado, as rubras e olorosas corollas da *asoka*, a planta amorosa do Hindustão. E mais além, por entre os meandros do arroio que mansamente deslisava pela planicie, emergiam das aguas remançosas as flores perfumadas dos nenuphares e nelumbos, em quanto os cacatuas e periquitos volitavam de ramo em ramo, soltando gritos estridulos, e bandos de macacos e saguins se penduravam, fazendo momices, dos ramos entrecruzados das pipalas e mangueiras.

Tajulmuluk encaminhou-se resoluto por entre esta vegetação luxuriante, e seguindo uma vereda aberta por entre a relva, não tardou a deparar-se-lhe o velho brahmane, o sabio Nirghata. Estava elle sentado no tronco nodoso de uma pipala (1) gigantesca, cujos annos se contavam por seculos, profundamente absorto na leitura dos livros sagrados.

Assim que o viageiro chegou junto d'elle, dirigiu-lhe o *andjali* (2), que o brahmane retribuiu, beijando paternalmente a cabeça do recemvindo. E depois que o anachoreta o fez sentar e o interrogou sobre quem era e qual o motivo da sua visita, Tajulmuluk dirigiu-lhe estas palavras: «Virtuoso brahmane cujas penitencias e santidade tornaram conhecido o teu nome venerando, desde os cumes nevosos do

---

(1)—É o *Ficus religiosa*, a arvore sagrada cuja madeira se empregava para a confecção do *arani*, peças de madeira que pelo attricto produziam o fogo.

(2)—Saudação respeitosa que se faz, inclinando a cabeça e approximando uma da outra as palmas das mãos formando taça, e elevando-as até á altura da fronte.

Himavat até á torrida Lanká, sabe que eu sou Tajulmuluk, principe de Hastinapura. Sabe que o poderoso monarcha de Lanká cegou; e todos os esforços e remedios até hoje empregados não têm logrado restituir-lhe a vista. Crente, porém, em que o seu mal tem remedio, aquelle poderoso *radjá* fez annunciar ao som de trombetas que dará a mão da princeza *Kussumita* a quem lhe restituir a vista.

Seduz-me a posse d'essa formosa princeza, que o povo qualifica de perola de Lanká.

E, se é certo haver um remedio para o mal de que enferma Raghuparna, eu, que jámais recuei ante nenhuma empreza, irei buscar esse remedio, ao fim do mundo, e restituirei a vista ao grande rei.

Só tu, virtuoso brahmane, cujas austeras penitencias e constantes estudos te grangearam o dom sobrenatural de penetrar a intima natureza das cousas, e de conhecer os arcanos da natureza humana, me poderás dizer com verdade o que me cumpre fazer.»

—Serás satisfeito, valente e destemido *Kchatrya* (1). Em breve vou entrar em contemplação profunda: tudo o que me rodeia deixará de existir para mim, e todavia a minha vista abraçará com nitidez o mundo todo, a minha intelligencia livre de todos os laços terrenos penetrará na essencia das cousas, descobrirá tudo o que é occulto aos mortaes, penetrando mesmo, por uma singular previdencia, nos dominios do futuro. Quando eu estiver n'esse estado de beatitude ineffavel, collocarás a tua mão sobre a minha fronte e formularás mentalmente as perguntas que

(1)—Guerreiro, homem da casta militar e real.

me quizeres fazer. Responderei a tudo o que desejares.

Assim succedeu. Pouco tempo depois o velho Nirghata, depois de fitar com demorada persistencia os olhos nos raios scintillantes da estrella vespertina que fulgia no horisonte diaphano, cahiu em profundo extasi; e tendo o moço Kchatrya observado as suas prescripções, obteve em resposta as seguintes palavras:

—«Não provem de uma doença organica a cegueira de Raghuparna, e por isso a medicina não póde triumphar d'esse mal: mas, apesar d'isso, o radjá de Lanká póde recuperar a vista, porque a sua cegueira resulta unicamente de um maleficio occasionado por uma *apsará,* (1) despeitada e vingativa. Basta para isso fustigar-lhe os olhos com uma rosa de Bankavali. Alcançal-a porém, eis o difficil, porque tamanhos são os perigos e difficuldades da empreza, que ninguem logrou ainda colher uma rosa de tão encantado jardim.

Junto ao palacio maravilhoso de Cuvéra, o deus das riquezas, ficam os jardins aereos do rei das fadas, de quem Bankavali é filha unica.

Tantas são, porém, as seducções d'aquella maravilhosa princeza, tão irresistivel o prestigio e a força attractiva de que dispõe, que, além da coragem indispensavel para arrostar previamente com as *sarpas* e *nagas* (2) que lhe guardam o jardim, seria mister possuir coração adamantino para resistir á magia de

(1) As apsarás são nymphas ou bailadeiras do céu de Indra.

(2) — Sarpas, são serpentes divinas e Nagas são dragões com rosto humano e cauda de serpente.

seus olhos e ás seducções dos seus encantos. E ai de aquelle que ousar fital-a durante alguns instantes ou tocal-a sequer, porque tanto bastaria para se converter subitamente em escamoso dragão.

Já vês, pois, os perigos que te aguardam ; e se é certo que ha meios para chegar até esse jardim encantado e para arrostar com a furia das Sarpas e Nagas, é tambem certo que para resistir ás seducções da maravilhosa princeza não ha talisman que valha, a não ser a força de vontade bastante firme para não a encarar, e não se deixar arrastar por tão irresistiveis encantos.

Se apesar do que tenho dito ainda persistires em arrostar com tão sobrehumanos perigos, dirigir-te-has ao lago das cinco Apsarás, e ahi, chamando por tres vezes seguidas pela sereia Lakka, pedir-lhe-has em meu nome o cavallo de *Buddhemi* (1) e a herva dos Yakchas (2); aquelle transportar-te-ha aos jardins de Cuvéra que ficam contiguos aos de Buddhemi, esta servir-te-ha para fustigares os terriveis guardas do jardim, e anniquilares o seu poder. Com esses talismans e com a audacia que te é propria, nada tens a recear que não seja a fascinação irresistivel da magica princeza.

*

Sob a espessa e fresca sombra de um bosque virgem, onde as lianas tropicaes se enlaçavam de arvore em arvore formando multiplices e graciosos

---

(1) Cavallo com azas que transpõe os ares com a rapidez do relampago. É o Pegaso indiano.

(2) Gnomos, genios guardas dos thesouros de Cuvera.

festões, estendia-se a perder de vista, por mais de um yodjana (1) em comprimento, o mais gracioso lago que era dado conceber-se. As aguas profundas, mas de uma limpidez perfeita, agitadas ao de leve pela bafagem tepida da brisa, deixavam de quando em quando aperceber no fundo as columnatas e arcarias rendilhadas de um maravilhoso palacio, que pela alvura diaphana que entremostrava, e pelos reflexos irisados que soltava á luz phosphorescente das aguas, bem parecia fabricado todo de opala e onys. Da profundeza das aguas subiam á superficie, meigos e acariciadores, magicos sons de vozes celestiaes, casados maravilhosamente aos de instrumentos musicaes, mas de uma suavidade inaudita. E todavia as margens do lago estavam desertas, quando Tajulmuluk ali chegou.

Era o lago das cinco Apsarás, creado outr'ora pelo magico poder do anachoreta *Mandakarni*, cujas austeridades e penitencias lhe haviam grangeado já tão sobrehumano poder, que os Devas todos (2), ciosos do seu poder, resolveram enviar-lhe as cinco mais bellas *Apsarás* do céu d'Indra, revestidas dos mais celestiaes encantos, afim de tentarem o santo anachoreta, e deterem-o no caminho da santidade que anhelava. O que é certo é que ellas, com seus magicos cantares e danças provocantes, ganharam a partida, seduzindo-o com seus encantos; e, como *Mandakarni* não poude resistir-lhes, creou, por um acto da sua vontade, para habitação d'ellas o lago com o seu maravilhoso palacio.

---

(1) Medida itineraria egual a nove milhas.
(2) Devas são deuses secundarios.

Tajulmuluk contemplou extactico, durante alguns minutos, a limpidez maravilhosa das aguas e o primor architectonico do magico palacio, que se entremostrava a espaços illuminado por uma phosphorescencia singular e intermittente das aguas. Depois, voltando a si da sua estupefacção, colheu junto á beira do lago tres flores de loto que ali medravam imponentes, collocou, na corola de cada uma, uma pequenina pedra, e atirou-as successivamente ao lago proferindo simultaneamente e por tres vezes o nome de *Lakká.*

Então as aguas agitaram-se extraordinariamente, como se fossem sacudidas pela cauda de um cetaceo, e á flor d'agua surgiu a cabeça e o busto da sereia, que acolheu o recemvindo com um gracioso sorriso. E como o principe lhe pedisse, em nome do santo anachoreta, o cavallo de Buddhemi e a herva dos Yakchas, para uma expedição arriscada, ella, sorrindo sempre, limitou-se a dizer-lhe:—«Pois não os vês atraz de ti?» e dizendo isto sumiu-se nas aguas, que ficaram placidas como antes.

Tajulmuluk, mal accreditando no que ouvira, voltou-se todavia, e viu que com effeito atraz de si, a dez passos de distancia, um cavallo alado escarvava impaciente o solo. E todavia momentos antes o cavallo não estava ali. Examinou-o e viu que estava completamente ajaezado e que do arção pendia um comprido molho de hervas de folhagem singular.

Então não hesitou um instante, montou no singular ginete, e subitamente sentiu-se arrebatar nos ares, transpondo o espaço com rapidez vertiginosa.

*

A noção do tempo decorrido desapparecera da

mente do arrojado principe; não poderia affirmar se aquella viagem aéria durára dias, se horas, se meros instantes.

O certo é que o cavallo parára junto aos jardins maravilhosos de Cuvéra. O principe desmontou, e cortando com o seu *kandjar* a ligadura que prendia ao arção o manipulo da herva magica, metteu este debaixo do braço e encaminhou-se a pé para o jardim de Bankavali. O solo que pisava, o ar que respirava, a paizagem que o rodeava, tudo era de molde a levar ao seu espirito a estupefacção mais assombrosa. O solo movediço e de côres irisadas parecia formado de nuvens condensadas; o ar puro e vivificante penetrava pelos poros por uma fórma tal que fazia perder aos corpos o seu peso especifico. Tajulmuluk sentia-se tão leve e tão agil como deve sentir-se a andorinha cruzando o espaço em vôos multiplices e rapidos. A luz vivida e cambiante tinha as fulgurações ardentes e coloridas da aurora boreal, offuscando-se por instantes para rebrilhar mais tarde com maior intensidade.

Um portico maravilhoso se lhe deparou então. Construido de um material translucido e aeriforme, tinha a um tempo as cambiantes irisadas da madre perola e a diaphaneidade phosphorescente do arco iris.

A sua architectura phantastica e arrojada não pertencia a nenhum estylo conhecido, e todavia tinha a pureza da architectura grega, o arrojo e gracilidade da gothica, e os primorosos rendilhados do estylo arabe.

Um como que instincto lhe segredou que era ali o termo da sua viagem. Entrou; mas, apenas

transpoz os humbraes, duas enormissimas *nagas*, dois medonhos dragões com rosto humano e caudas de serpente lhe vedaram o caminho, dizendo-lhe com cavernosa voz:

—«Quem és tu, mortal ousado e temerario, que te abalançaste a devassar os mysterios do paiz dos sonhos? Que pretendes d'aqui? Foge quanto antes, se tens amor á vida e á fórma corporea que te reveste. Sabe que é este o jardim encantado de Bankavali, a filha maravilhosa do rei das Fadas. Teme de a veres, e de experimentar seu fascinante poder, porque não mais voltarias á terra. Tambem nós fomos, como tu, mancebos gentis e atrevidos, que tentámos penetrar n'estas regiões maravilhosas e inverosimeis; entrámos, mas seduziu-nos a belleza irresistivel da magica princeza, e ella, depois de se cançar do nosso amor, deu-nos em troca este aspecto repellente e este corpo medonho e escamoso. Somos os guardas vigilantes d'este jardim, onde ninguem póde entrar sem sua permissão. Foge! evita a sua presença!»

—Não importa, volveu o principe, hei de entrar, custe o que custar! Se a não vir, tanto melhor.

E dizendo isto, avançou fustigando as Nagas, com a herva magica, que as fez cahir em profunda lethargia. Então subitamente desparece a luz vivida e quente que dourava com seus cambiantes fulgores a singular paizagem e substituem-a trevas espessas e caliginosas.

Tajulmuluk deteve-se, ignorando para onde dirigir-se, mas em breve, atravez o negror do ambiente, apercebeu bastos pontos phosphorescentes que se approximavam, e simultaneamente um silvo multiplice e repetido lhe chegou aos ouvidos. Era um

bando de *sarpas* que, colleando e serpejando, avançavam enfurecidas contra o ousado aventureiro.

O principe reconheceu o perigo; mas, crente na virtude do maravilhoso talisman, avançou de encontro ao bando escamoso fustigando com elle as cabeças das serpentes enraivecidas, que, umas após outras, foram cahindo em estado lethargico.

Então o negrume dissipou-se como por encanto, e o principe, de mais em mais maravilhado, achou-se subitamente á beira de um lago de limpidas e frescas aguas, onde quatro gentis e garrulas donzellas nadavam folgazonas, mergulhando a espaços para reapparecerem mais além, mostrando o dorso alvejante e as fórmas gracis e tentadoras. Simultaneamente chegavam-lhe aos ouvidos melodiosos e aéreos sons de musica distante, mas de uma musica subtil que se infiltrava nos sentidos impregnando-os de uma morbideza e languor irresistivel. E quando ellas aperceberam o intruso viajante, dirigiram-se á margem e, erguendo sobre as aguas o busto gentil e peregrino, procuraram velar as curvas sinuosas do seio nú com as tranças desmanchadas que lhes pendiam no dorso, em quanto por entre sorrisos estonteantes lhe dirigiam estas palavras:—«Gentil e ditoso mortal que a ventura arrojou a estes dominios da phantasia, quem quer que tu sejas, sê bemvindo.

As maravilhas que te rodeiam, os prodigios, que deves ter presenceado para chegares até aqui, de sobra te devem ter mostrado que nada ha comparavel a esta encantadora estancia do prazer e do sonho, e que nada de commum póde haver entre o mundo real que deixaste, e o phantastico em que viajas. Tudo quanto a imaginação mais audaciosa póde con-

ceber de impossivel, tudo quanto o desejo mais exigente e cupido póde phantasiar de mais bello e grandioso, ou a mente sonhadora conceber em seus anhelos, tudo aqui é uma realidade objectiva. O pensamento concretisa-se em factos, o desejo traduz-se em prazeres immediatos, a vontade converte-se em realidades. Feliz o mortal, que no mundo de onde vens, poude durante algum tempo embalar-se nos sonhos fagueiros da sua phantasia juvenil; mas mais feliz aquelle que, como tu, poude deixar de vez as miserias d'essa existencia terrena, e aportando a estas ignotas plagas, passar leda a existencia n'um sonhar permanente. Formúla um desejo, gentil cavalleiro, e vel-o-has satisfeito.»

—«Bellas e seductoras Apsarás, cuja belleza sem rival enebria e encanta os sentidos, dignae-vos indicar-me o sitio onde cresce a planta que produz as mirificas rosas de Bankavali, cuja belleza e virtudes são celebradas em todo o *Madyadéça* (1) e serão dentro em pouco decantadas desde os socalcos nevosos do Himavat até as adustas regiões da feracissima Lanká. É esse o meu maior desejo. Permitti que eu contemple essa flor maravilhosa.»

—«É facil, gentil *kchatrya*, satisfazer esse anhelo, tornou uma das bellas nymphas com o seu sorriso tentador, e estendendo o eburneo braço, acrescentou:

—Alem, a meio d'este lago, fica uma ilha encantadora onde se ergue o palacio maravilhoso da nossa poderosissima rainha—a formosa Bankavali; a meio d'elle ha um parque de arvores maravilhosas,

(1) O paiz do meio, isto é a parte central do Hindustão.

d'entre as quaes a mais copada e grandiosa é a que produz as magicas rosas porque anhelas É á sombra d'ella que se estende a rede onde dormita a formosa soberana. Dirige-te ali, e teus olhos maravilhados saciar-se-hão alfim na contemplação extactica do prototypo da belleza ideal.

—Não vejo, porem, ponte nem barco para atravessar o lago, objectou o principe, circumvagando em torno a si os olhos anciosos.

Ellas porem redarguiram-lhe com um malicioso sorriso, entreolhando-se jubilosas:

—«Que isso não obste, gentil kchatrya, á realisação do teu desejo; como vês a agua é pouco funda, —e isto dizendo ergueram meio corpo fóra d'agua—; vem, deixa ahi as tuas armas, inuteis por certo n'esta mansão deleitosa; despe essas roupagens terrenas que te embaraçam os movimentos, e deita-te á agua purificadora d'este lago, que te fará esquecer todo o teu passado, a tua existencia anterior, dando-te em troca a immortalidade de uma existencia nova, toda amor e devaneio. Vem: nós te guiaremos até junto da nossa invicta soberana.»

Ouvindo isto, Tajulmuluk sentiu-se perdido; deitar-se no lago era renunciar ao mundo, renunciar á sua empreza, esquecer a bella princeza de Lanká, e trocar tudo isso por uma existencia nova toda sonho e devaneio.

O desanimo apossou-se do seu espirito, e não antevendo outra solução a este problema, ia resolver-se quiçá a abraçar o conselho das maliciosas e tentadoras nayades, quando uma idéa subita lhe acudiu ao cerebro.

—Dissesteis ha pouco, tornou elle, que fosse qual

fosse o desejo que eu formulasse, elle se tornaria subitamente n'uma realidade objectiva, é isso verdade?

—Experimentae, e vereis que não mentimos.

—Pois bem, proseguiu o principe, quero aqui o cavallo de Buddhemi!

Mal elle acabava de proferir estas palavras, logo o nitrido de um cavallo lhe fez comprehender que o seu desejo não ficára vão. Sem perder um instante montou, e esporeando o corcel aligero elevou-se nos ares e atravessou o lago com rapidez vertiginosa, deixando as garrulas Apsarás surprehendidas e contrariadas de despeito.

*

Então descobre absorto um palacio maravilhoso de fórma circular, cupulas altaneiras e porticos phantasiosos, que a cada momento cambiavam de fórma e se transformavam, mudando de colorido e estylo. Dir-se-hia que tudo aquillo não passava de phantasmagoricas projecções luminosas de construcções de maravilhosa fabrica, tal era a inconstancia de fórmas e a translucidez polychroma da sua architectura.

As columnatas e arcarias que sustentavam o prodigioso edificio apresentavam por vezes as scintillações e colorido translucido das amethistas, das esmeraldas e rubis; as portas em chrystal de rocha, girando em gonzos de ouro, tinham o lampejo vivido e fugaz do mais fulgido diamante; e os tectos de uma côr suavemente azulada e leitosa ora pareciam talhados em jaspe, ora apparentavam as cambiantes opalescentes do onyx ou da irisada opala.

Tajulmuluk, porém, não se deteve um instante a contemplar tanta maravilha, e, encaminhando-se pa-

ra o jardim, não tardou em descobrir entre as demais arvores a maravilhosa roseira. Aproximou-se a passos rapidos e resolutos, mas subitamente uma commoção de extraordinaria suavidade e força o fez estacar, máu grado seu.

Brandamente reclinada n'uma primorosa rede trançada em fio de oiro, dormitava a maravilhosa princeza. Placida respiração agitava-lhe compassadamente o seio nú, de uma alvura deslumbrante e tersa. A perna e o braço esquerdo, de uns contornos suavissimos e de uma pureza de fórmas perfeitamente ideal, pendiam-lhe graciosamente fóra da rede, em quanto as tranças desfeitas e fulvas tinham a scintillação metalica dos fios de oiro. Tenuissimo e diaphano véu de uma côr suavemente azulina fingia occultar-lhe o resto do tronco de uma correcção maravilhosa e inconcebivel.

Tajulmuluk sentiu-se deslumbrado, fascinado, perdido.

Uma mariposa irisada de mil cores volitava em torno da bella dormente até que lhe pousou no braço tentador. Áquelle contacto a princeza teve um estremecimento nervoso, e Tajulmuluk deu alguns passos para ella no intuito de affugentar o importuno insecto e de depositar um terno e respeitoso beijo na mão pendente da formosa Bankavali.

A bella continuava dormitando.

Tajulmuluk não se saciava de contemplar em extasi indefinivel a formosura incomparavel, que se lhe antolhava com todas as seducções imaginaveis, com o poder de fascinação mais irresistivel e fatal.

—Formosa e juvenil princeza, cujos encantos irresistiveis excedem os das mais seductoras Apsarás

que povôam o céu d'Indra, murmurou elle em voz baixa, como que receando acordal-a, tu que egualas em belleza e prestigio a propria *Laksmi*, e cujo poder sublimado povoou de maravilhas esta mansão deleitosa, abre compassiva esses olhos de loto, onde fez seu ninho o poderoso Kamá (1), lança sobre mim os raios omnipotentes de tuas pupillas, que fulminam como os d'Indra, mas devem ser suaves e doces como a *amrita* (2) dos *devas*, descerra esses teus labios que occultam entre essa coloração ardente das auroras, fieiras de perolas mais limpidas que as mais preciosas de Lanká, consente que, como preito de admiração, eu deposite em tua mão alabastrina um osculo d'amor.

E, pondo um joelho em terra, ia tocar com os labios a pequena e perfumada mão da princeza, quando um deslumbramento lhe passou pelos olhos e um choque como de pilha voltaica lhe sacudiu os membros. Recuou, instinctivamente, e passando pela fronte a mão, como revocando idéas por instantes obliteradas:

—Mas tudo isto é uma allucinação dos sentidos... não passa de um sonho seductor e vão...... ou então, se n'este mundo phantastico que me rodeia tudo isto existe com effeito...... é por certo um paraiso de encantos; esta bella princeza uma sereia perigosa e fatal. Não; apesar de tantos e tão incomparaveis encantos, prefiro a belleza real de Kussumita, á formosura ideal, mas vã, d'esta poderosa maga. É bella entre as mais bellas, fascinadora como

(1) O deus do amor.
(2) O licor da immortalidade.

nenhuma, princeza Bankavali; mas apesar d'isso... não mais te quero vêr!

Então a formosa adormecida desappareceu a seus olhos, com quanto continuasse dormitando na rede, e Tajulmuluk apenas viu ante si a grandiosa roseira de Bankavali, carregada de esplendidas e formosissimas rosas de um colorido e frescor incomparavel.

Desembainhou o kandjar e cortou uma das mais bellas flores que segurou cuidadosamente nas pregas do seu turbante.

Do ramo cortado escorreu um pingo de seiva que cahindo sobre os olhos de Bankavali a acordou em sobresalto. Vendo perto de si o joven principe, a bella fulminou sobre elle um olhar tão meigo e fascinador, que o teria feito cahir a seus pés, se por ventura se encontrasse com o d'elle.

Admirada de que o principe ficasse indifferente ao magnetico influxo que emanava das suas pupillas, Bankavali, com voz de um timbre chrystalino e de uma suavidade e harmonia que antes parecia o cicio tepido da brisa nas cordas de eolia harpa, do que acordes de voz humana, chamou-o meigamente, convidando-o a approximar-se.

Tajulmuluk não a via, mas havia n'aquella voz tanta melodia e um tão indefinivel encanto, que resentiu novamente a invasão d'essa morbideza irresistivel que, ainda pouco havia, o ia perdendo. Julgou-se novamente em perigo imminente, e tomando uma resolução desesperada, correu apressadamente em direcção ao palacio, a cuja entrada deixára o seu alado corcel.

Bankavali saltou fóra da rede, fula de raiva e despeito, e correu após elle bradando:

—Quem és tu, miseravel reptil da terra, que assim ousas menosprezar-me e zombar do meu poder? *Nagas* e *Sarpas* [1] correi; prendei-o. Quero vingar-me, fazer-lhe expiar esta affronta por uma fórma terrivel!...

De todos os lados accorria presuroso o bando escamoso dos hediondos reptis. Já o gentil guerreiro ia a lançar as mãos ás redeas, quando uma formidavel Naga, estendendo para elle a horrida cabeça, o filou pelo fato, e enroscando-lhe em torno das pernas as esqualidas espíras do seu corpo escamoso, o impediu de montar. Julgou-se novamente perdido. O bando perseguidor acercava-se já, soltando agudissimos silvos. O principe porém, cobrando animo, toma na dextra o manipulo precioso da herva dos Yakchas e fustiga com elle a cabeça da Naga que o enleava, e que, acto continuo, cahiu a seus pés atordoada; e investindo com o bando aggressor fez cahir inanimadas em torno de si as mais audaciosas. Então, montando á pressa, elevou-se nos ares, levando no turbante a maravilhosa flor de Bankavali.

*

Dois mezes depois, a corte opulenta do rei de Lanká estava toda em festa. Os *gongs* (1) sagrados dos pagodes resoavam lenta e compassadamente, as fanfarras militares estrugiam os ares com suas notas metalicas e rispidas, as acclamações ruidosas e prolongadas do povo repetiam-se a cada momento e o

---

(1) Grandes sinos que existem nos subterraneos dos pagodes e que são tocados com martellos.

cortejo nupcial avançava lentamente, montado nos solemnes e magestosos elefantes cobertos de riquissimas colgaduras de seda e oiro e coroados por imponentes palanquins de preciosos metaes, onde se reclinavam deslumbrantes de gemmas preciosas os noivos e o seu sequito. O maha-radjá de Lanká havia recuperado a vista, e *Kussumita*, a perola de Lanká, unia os seus destinos ao gentil e destemido Tajul-muluk, principe de Hastinapura.

Pompeu Mirabeau

AVISO A TEMPO

O movimento revolucionario, assignalado por traços indeleveis nos fastos das sciencias medicas, ameaça subverter a theoretica em que actualmente assenta o edificio das mesmas sciencias; não ficará porém demolido; os obreiros do progresso, antevendo-lhe a ruina, meditam já na reedificação sobre mais solidos e estaveis fundamentos.

Não é d'extranhar que tudo isto aconteça.

Os alicerces da medicina, assentes pela maior parte no terreno movediço das hypotheses, aluem-se com facilidade. As catastrophes são aqui tão naturaes e frequentes como os tremores e abalos do solo nas proximidades dos vulcões. Mas, assim como as derrocadas medicas se repetem com intervallos relativamente curtos, do mesmo modo a reconstrucção surge rapida e com taes attractivos, que quasi sempre fascina os medicos e inspira aos doentes esperança consoladora.

Nenhuma sciencia apresenta, como a medicina,

tantas e tão variadas transformações; nenhuma, como ella, abunda em tão largo cabedal de theorias e de systemas. Se as doutrinas, que andam agora em perspectiva, chegarem a medrar e a generalisar-se, os systemas therapeuticos das gerações que nos precederam, accumular-se-hão com os dos modernos investigadores que se occupam na faina de reformar a sciencia e arte de curar.

Nihil sub sole novum, diz um dos livros que ensinam a conduzir as gentes pela estrada luminosa da sabedoria. As revoluções mais salientes da medicina não foram, digamol-o assim, a encarnação d'uma idéa nova. A historia registra mudanças semelhantes, casos analogos aos que caracterisam uma dada epocha, assim como registra o prototypo da transformação que vemos augmentar, dia a dia, por descobrimentos incessantes. Não é intuito nosso dizer que na successiva repetição das doutrinas resurgem os mesmos factos, com a exacta renovação de todos os promenores. O que resurge é a idéa fundamental, é a concepção, mais ou menos ampliada, consoante o estado das sciencias auxiliares; é essa mesma concepção que impelle os estudiosos a verificar por novos processos, e sob o ponto de vista de mais dilatados horisontes, o que em outro tempo se não poude averiguar claramente.

O desenvolvimento que adquire uma dada concepção á custa de novas investigações, é o que constitue o progresso da sciencia.

Outr'ora as controversias philosophicas influiram poderosamente na acceitação dos systemas da medicina. Humoristas, solidistas e vitalistas tiveram na sciencia os seus periodos de hegemonia, e domina-

ram por mais ou menos tempo, conforme o rumo que seguiam as idéas no quadrante da philosophia.

Depois do renascimento das letras, quando as sciencias naturaes, principalmente a physica, alargaram os seus dominios, os systemas medicos inspiraram-se nas conquistas scientificas do tempo, e de lá desentranharam rasões com que se fortificava cada um e aggredia os contrarios.

A medicina não adeantou muito com a barafunda de hypotheses e de systemas deficientes. A observação e a experiencia clinica deram-lhe fructos mais copiosos e sasonados.

Mas, emfim, o embate e rodopio de opiniões e theorias era sincero; isto basta para merecerem a nossa attenção e para contemplarmos com benignidade as successivas mudanças por que tem passado a sciencia.

A alternativa do predominio e decadencia dos systemas não influiu por modo egual em todos os ramos da medicina. Houve alguns, como a anatomia e a obstectricia, que atravessaram incolumes certas phases revolucionarias.

Foi principalmente na pathologia, na materia medica e na therapeutica onde mais se sentiram as commoções intensas. A pharmacia, cujos destinos absorvem agora a nossa cogitação, ligada intimamente á materia medica, soffreu mais ou menos dos abalos geraes; mas, ainda assim, escapou muitas vezes do perigo de convulsões violentas.

A desavença entre humoristas e solidistas não lhe creou embaraços; as pretenções á primazia entre gallenicos e arabicos foram-lhe por extremo vantajosas; e da paz e harmonia entre os defensores de

Galleno e d'Averrho, paz e harmonia cimentada depois pela chimica, procederam grandes adeantamentos na technica manipulatoria, e de lá sahiu tambem a famosa denominação de—pharmacia-chimico-arabico-gallenica.

Alvoreceu então o cyclo aureo, se não para a pharmacia, ao menos para os pharmaceuticos. Tudo por aquelle tempo era grande nos dispensatorios.

Os proventos da arte tinham ensanchas para muitas larguezas: drogaria sempre provida; abundancia de retortas e de alambiques; frascos e utensilios de sobresalente para todas as eventualidades. E com que fartura de remedios se não acudia então á humanidade enferma!

Receita que não contivesse pelo menos trinta ingredientes, não tranquillisava a consciencia do medico, nem captivava a confiança do doente. O boticario ao desenrolar perante os frequentadores do estabelecimento o *in-folio* do receituario, deixava cahir algumas palavras de credito para o medico. «Sim «senhor! resmungava o homem, movendo a cabeça «em signal de approvação, foram attendidas todas as «indicações;—desobstruentes para o figado e bofe; «cordeaes e aperitivos nas devidas proporções; cal«mantes, diaphoreticos e evacuantes... não ha du«vida de que é completa a prescripção.»

A pericia e conhecimentos do medico avaliavam-se pela multiplicidade de drogas receitadas; aferia-se a gravidade da doença pela somma que se pagava na botica.

Foi longo este periodo de prosperidade pharmaceutica; por fim começaram a entrar com a therapeutica taes suspeitas e desconfianças que acabaram

por estancar na origem a corrente de tantas felicidades. É o que acontece a todas as cousas da vida: alternam-se os tempos e as venturas, d'onde vem dizer-se que não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature. Ora a pharmacia, assim como prosperou nas epochas afortunadas em que floresceu a polyantheia medicinal, tambem depois, levada pelo infortunio, soffreu as amarguras de tempos calamitosos. Sobrevieram-lhe calamidades por modos differentes, segundo os devaneios ou inventos de artificio subtil com que se illudiam os medicos; mas nas phases de maior atribulação é forçoso reconhecer que intervieram causas que até hoje ainda não foram bem determinadas.

Querem attribuil-as ao rodar evolutivo da sciencia. Por este expediente não se explicam os factos, como vamos vêr.

Todos sabem que a medicina presuppõe medicamento e que existe intima ligação entre therapeutica e pharmacia, assim como deve existir entre medico e pharmaceutico. O progresso na arte de curar consiste em se penetrar com vista perspicaz no amago da doença, para se excogitarem, pelo conhecimento claro do mal, os remedios d'efficacia apropriada. Concebe-se a ampliação ou restricção nos meios pharmacologicos; sabe-se que é possivel apurar e concentrar as virtudes medicamentosas. N'este particular já a industria humana chegou á perfeição de reduzir um dispensatorio a tão exiguas proporções, que todo o apparato d'uma botica, se accommoda facilmente no bolso d'um colete. Mas, n'este e n'outros casos similhantes, subsiste sempre a pharmacia e anda de companhia com a medicina. O que excede toda a

expectativa, o que se não pode explicar é o exercicio da clinica prescindindo-se da pharmacia. Phenomeno de tão singular contradicção repugna ao progresso da sciencia; não se lhe acha razão de ser, salvo admittindo-se a hypothese de discordia e malquerença entre medicos e boticarios.

Tres invenções de nefasta recordação, apregoadas e encarecidas systematicamente pelos medicos, levaram, em occasiões differentes, o estiolamento á pharmacia e a ruina aos pharmaceuticos.

O mundo viu, com espanto, o pernicioso exemplo de discordia na sciencia e de hostilidade entre duas classes, que devem viver sempre em santa harmonia e auxiliar-se como irmãs gemeas. A primeira das tres invenções appareceu com o nome de «medicina expectante». Não se exprime por phrase mais concisa, nem mais apropriada, o proposito de rebellião contra a therapeutica activa e energica! O nome diz tudo; preconisa a revolução e o programma do novo systema e corta desabridamente as relações com a pharmacia! Curar sem o auxilio das drogas, diziam os arautos do systema, eis a perfeição da medicina. É necessario não perturbar com elementos extranhos os movimentos da natureza. As crises hão de apparecer nitidas e salutares nos dias decretorios, quando rigorosamente se evitar a intervenção d'agentes perturbadores. Logo, nada de tizanas e de julepos; acabem as receitas, acabe o reinado das boticas e dos herbanarios.

Os prejuizos e estragos que d'aqui provieram, foram incalculaveis. O que valeu para não acabar de todo a pharmacia, foi acudir-lhe a Providencia com algum dos meios com que costuma amparar os des-

validos, quando se acham em risco de ir a pique. Entre os visitantes admittidos junto do doente era infallivel algum curioso de medicina, ou alguma matrona entendida em mésinhas. Censuravam a abstenção dos recipes; e por conselho e instancias d'estes sachristas de Esculapio, sempre o doente ingeria umas garrafadas que se expediam da botica e entravam á maneira de contrabando pela porta falsa da therapeutica. E foi isto o que começou a minar a reputação da tal medicina expectante. Os doentes impacientavam-se, porque não lhes promoviam as melhoras pelos meios conducentes; as familias causticavam os medicos para que receitassem cousa que debellasse as doenças. Levantou-se tal clamor contra o systema do quietismo e da medicina inerte, que os medicos viram-se obrigados a mudar de rumo e entrar em vida nova.

Restabeleceram-se as boas praxes; medicos e boticarios estreitavam alliança, e a pharmacia readquiriu a sua verdadeira importancia.

E como ella então progrediu! A farragem de preparações encanecidas e já pouco em voga desappareceu dos formularios; substituiu-se por delicadas novidades que deram brilho á arte. Inventaram-se os elixires, os frasquinhos de fórma esbelta e os rotulos vistosos, indicadores das virtudes mirificas do conteudo, etc. Correram as cousas com invejavel fortuna e serenidade por annos dilatados que pareceram dias.

Quando tudo indicava que seria duradouro aquelle estado de bemaventurança, irrompem inesperadamente os ventos da adversidade e prégam com a pharmacia na inactividade.

Surgiu, pois, a segunda invenção com que se pre-

tendeu dar cabo da pharmacia e dos pharmaceuticos. Seja porém dito em abono dos medicos, d'esta vez não proscreveram os remedios ; pelo contrario, applicaram-nos profusamente e de modos variados. Mas que remedios aconselhavam elles? Agua, sómente agua! e baptisaram este systema de curar com o nome de hydrotherapia. Fria ou morna, quente ou a ferver, a agua applicava-se para debellar as enfermidades, sob as variadas fórmas de banhos, emborcações, jactos, etc.

Escusado é dizer que ninguem procurava o remedio nas boticas. Um pote d'agua, que outr'ora representava um fardo de fazenda lucrativa em qualquer estabelecimento de pharmacia, perdeu a qualidade de vendavel. As fontes e os rios forneciam *gratis* todo o liquido necessario ao tratamento dos enfermos pelo novo systema. E para os casos morbidos de maior circumspecção, indicavam os medicos as aguas mineraes, que a natureza confeiçôa, abundantes pelo orbe, variadas e de tão perfeita composição, que bem se pódem considerar preparações typicas de formulas completas, com base, adjuvante, correctivo e excipiente. N'estes termos, pois, a medicação exclusiva pelas aguas, equivalia a um diluvio em que a pharmacia fatalmente havia de succumbir.

Em tão apertado lance salvou-se do naufragio, *primo* pela circumstancia de não haver aguas thermo-mineraes á porta da grande maioria dos doentes; *secundo*, pela discrepancia dos medicos sobre a excellencia do systema. Os que tinham grangeado reputação de bons praticos, seguindo os grandes mestres e os dictames da experiencia, persistiram firmes na applicação dos revulsivos tonicos e catharticos. De

aqui resultou que os partidarios da hydrotherapia tiveram de circumscrever o systema e deixar á pharmacia campo sufficiente para viver com desafogo.

De todos os flagellos que teem opprimido a pobre pharmacia, nenhum lhe foi ainda tão nocivo, pelas repetidas e aturadas investidas, como o systema therapeutico que vamos indicar.

Imaginavam em outro tempo os medicos que a causa das enfermidades estava na effervescencia dos humores e especialmente do sangue. O que racionalmente estava indicado, para se acalmar a fervura interior, e parece que deveria aconselhar-se, era a ingestão de refrigerantes e de cosimentos frescos preparados *secundum artem*. Pois não o entenderam assim os mestres da sciencia. Levados pela idéa de que abafariam o mal na origem, se desde logo se tirasse tanto sangue, quanto fosse necessario para o abaixamento e equilibrio da temperatura, levantaram as emissões sanguineas ás alturas de systema geral de curativo. Desde que isto se admittisse com o assenso e conformidade de medicos e clientes, ninguem mais se lembrava das drogas que pejavam as boticas.

Remedios de grandes virtudes, sanccionados pela experiencia, ficaram então esquecidos. A pharmacia resentiu-se profundamente d'este golpe; mas o tempo que é grande conselheiro e mensageiro de desenganos, acabou por esfriar o enthusiasmo com que os praticos se entretinham a methodisar a applicação das sangrias; e o systema que foi por largos annos o martyrio da humanidade e o supplicio da pharmacia, veio por fim a decahir.

Não acabou porém *in-perpetuum*; continuou subsistindo fraco e desvalido, amparado por alguns se-

ctarios teimosos. De quando em quando, reapparece forte e intransigente, escudado n'umas innovações que se impõem aos credulos com o nome de adeantamentos da sciencia. Sempre que toma pé na medicina, faz com que se derrame mais sangue do que na guerra dos cem annos.

A ultima vez que levantou bandeira e grangeou adeptos, firmou-se na opinião corrente de que todas as doenças procedem de irritação ou inflammação.

Apoiado n'esta crença que a moda e a politica favoreceram, dominou com soberano imperio pelas escholas, hospitaes e clinica domiciliaria. Sangria sobre sangria, eis a synthese do systema e a formula aperfeiçoada da therapeutica universal. Os doentes parece que eram então de outra tempera; houve tal que levou trinta sangrias e não entregou o costado ao cemiterio.

O systema generalisou-se por fórma que das regiões scientificas desceu até ás primeiras e mais densas camadas populares. Emfim os preconisadores da sangria tanto a exaltaram, que, além de recurso therapeutico, passou a ser tambem considerada como meio preventivo das doenças. N'esta conformidade a turba multa dos crentes começou a sangrar-se em saude.

Ninguem discutia o que poderia sobrevir ás perdas de sangue; o que por algum tempo deu materia para discussões foi em que estação e em que veia se deveria fazer a sangria. Prevaleceu a pratica de se picar uma veia na flexura do braço; e assentou-se que a quadra do anno mais apropriada era no fim da primavera e principio do verão. Com que ingenua credulidade se sujeitavam pelo solsticio estival as gentes obcecadas á incisão da lanceta!

Era a paschoa dos sangradores que então coincidia com o S. João dos sangrados.

O systema das emissões sanguineas tinha chegado ao seu apogeu; tornara-se tão facil e vulgar que todos o aconselhavam como infallivel; prescindia-se d'outros remedios e de consulta ao medico. Ora um systema que enfraquecia os doentes, que arruinava os pharmaceuticos, e dispensava a intervenção dos medicos, não podia vigorar por muitos annos. Por isso, desfeita a aureola rutilante com que subiu ao pinaculo da gloria, começou logo a dar mostras de decadencia.

Contribuiram então para lhe apressar a queda, além das innovações que imprimiam nova direcção á medicina, os successivos descobrimentos que enriqueciam a chimica e influiam directamente na materia medica e na pharmacia. Portanto os sangradores rarearam, e a pratica abusiva das sangrias foi perdendo de moda.

A mina dos alcaloides organicos que estava apenas em principio d'exploração, attrahiu a attenção e desvelo dos chimicos. O fructo das pesquisas não se fez esperar; começaram desde logo a ser extrahidas, em substancia e estremes, d'outras materias os principios activos das plantas medicinaes. Annunciava-se continuamente a descoberta de novos alcaloides com virtudes therapeuticas eximias. Por toda a parte se trabalhava nos laboratorios e de toda a parte sahiam novos productos e nomes acabados em *ina*. Este lidar incessante reflectiu-se na therapeutica e veio tambem implicar com a pharmacia.

Os pharmaceuticos sahiram-se airosamente das mutações que exigiam os recentes descobrimentos

em relação á technica operatoria, e os preparados segundo a moderna pharmacotechia acreditaram a classe e mostraram que ella acompanha os progressos da sciencia. Fazem-lhe concorrencia a chimica e os curiosos de chimica que por ahi inculcam productos de composição secreta. Mas por este lado ainda as cousas não correm mal aos pharmaceuticos.

O que lhes póde ser muito prejudicial e até de ruina completa é a transformação imminente por que vae passar a medicina.

Ha annos descobriu-se que a causa de certas enfermidades era a existencia de seres vivos, a que chamaram microbios, e que se reproduzem por myriades, de um momento para o outro. Depois reconheceu-se que a inoculação do liquido em que vivem os taes microbios, rarefeito e attenuado, preservava da doença a que os mesmos dão origem. A idéa não é nova. Já antes da descoberta da vaccina se inoculava o puz variolico, para evitar ou modificar a invasão das bexigas.

O aphorismo de que a = mordedura do cão se cura com o pello do mesmo cão = era a expressão significativa com que a sabedoria popular tinha preconisado o *similia similibus curantur*.

Não são pois novidades em primeira mão os inventos de que se faz tanto encarecimento. O que deveras pertence aos exploradores da actualidade é a ampliação da idéa ou concepção que já existia. São numerosas as doenças attribuidas actualmente aos microbios de variadas especies.

A prophylaxia e o methodo curativo pelas vaccinações ganha terreno de dia para dia. O liquido extrahido de animaes vaccinados e tratados conve-

nientemente, constitue hoje o remedio exclusivo para doenças que até agora se julgavam incuraveis.

Os descobrimentos por este caminho succedem-se com feliz exito, e as cataplasmas, cosimentos e xaropes perdem terreno a olhos vistos.

Dentro em pouco, todo o serviço e material da pharmacia pertencerá á historia. Se os pharmaceuticos quizerem que o seu prestimo e a sua arte não acabem, forçosamente se hão de amoldar ás exigencias do progresso da medicina. Até agora armazenavam-se nos dispensatorios as drogas medicinaes para se manipularem os medicamentos prescriptos. O que já se antevê é a inutilidade das drogas; as cosinhas das pharmacias teem de se transformar em estabulos para a manutenção de animaes inoculados com diversas vaccinas. São elles que passam á cathegoria de laboratorios vivos em que se preparam os liquidos para as vaccinações especiaes.

As mudanças no receituario são já notorias. Não tardará que, em vez de oleos, tincturas e soluções, vejamos pedir soro de cavallo para injecções; lympha de carneiro para injecções; sangue de bugio para injecções, etc., etc.

O talento do homem já tinha descoberto que as solipas dos caminhos de ferro e os postes telegraphicos se tornavam resistentes e duradouros pelas injecções. Agora tracta-se da applicação do maravilhoso invento ao proprio homem. A humanidade injectada ficará á prova de microbio e protegida contra os effeitos do caruncho e do bolor.

Não ha pois tempo a perder. Cumpre aos pharmaceuticos não deixar que passe para mãos extranhas o que sempre foi privilegio da sua arte e da

sua competencia. Se não cuidarem dos proprios interesses, não poderão allegar que lhes faltou o aviso a tempo.

SOEIRO DE BRITO

O MEU «PLUTARCHO»

[DE GEORGES D'ESPARBÈS]

I

O conde de Ponsonnard de Vauconsant, nomeado alferes sob as ordens do coronel principe d'Isembourg na epocha em que Napoleão, querendo utilisar a antiga nobreza, formou dois regimentos com os prisioneiros d'Austerlitz, foi promovido ao posto de chefe d'esquadrão por causa da esplendida carga que deu em Iena, e, em 1807, em Eylau, onde se tinha batido como um valente, isto é como homem que fazia na guerra o mesmo que no jogo da bola, o Imperador o nomeou coronel para os dragões da Guarda.

Era homem de grande estatura, com um lanho de orelha a orelha, vermelho como tijolo, lesto, doido por cavallos raros, bom como um enorme pão molle, mas taciturno a ponto de se julgar que tinha a lingua collada ao céo da bocca, ou que, encerrado na torre de qualquer castello, a sua mocidade nunca vira senão mortos.

Ninguem o ouvia a não ser nos dias de batalha. E lá mesmo, só no momento do attaque, alçado pelo

enthusiasmo sobre o seu ginete de combate, elle não disparava atravez das massas aguerridas mais do que uma palavra: «Carregar!» Sómente o Imperador tinha o condão d'emocionar este eremita, quando voltava da matança com o seu cavallo, cobertos de sangue e de lama, pois que se voltava para o seu estado maior dizendo:

—Parece que Ponsonnard correu hoje o inimigo.

—Uma caçada de morte, senhor!

—Vejamos, pedaço d'emigrado, reconheces agora o Imperador, ou ainda não?

—Reconheço, respondia Ponsonnard, mas não o acclamo.

Depois dos acontecimentos d'Eylau, Napoleão perguntou-lhe:

—Amas alguem?

—Ao meu paiz, senhor, que vós representaes...

—...Interinamente, interrompeu o Imperador com finura... Ah! sr. de Vauconsant, como eu gosto d'essa franqueza, e que general vós farieis!

—A patente, disse bruscamente Ponsonnard.

—De vagar! Diabo! Como vós correis! Um general amigo do conde d'Artois!

E foi assim que o sr. de Vauconsant, cuja conversação o Imperador estimava, tinha permanecido coronel.

II

Este homem que ninguem ouvia, senão quando soavam as «bombas», e que não parecia gostar senão de espadeiradas e de cavallos de luxo, passava no exercito por visionario, por lunatico. N'esta epocha

de reboliço não havia tempo de estudar os camaradas. O sr. de Vauconsant além d'isso, admirando-lhes a bravura, não estimava os officiaes do Imperador: Augereau, filho de um creado de servir; Ney, filho de um tannoeiro; Soult, filho de um camponez; Murat, filho de um estalajadeiro; Lannes, filho de um estribeiro: e elle pronunciava-se ainda pelo direito exclusivo dos nobres aos postos militares.

Envergonhado até ao soffrimento das bravatas inglezas, da comida modesta e do homísio da emigração, tinha abraçado o serviço e corrido a Europa atraz do «arabe» do Imperador. Pouco *visto* dos seus camaradas, era muito estimado por Napoleão. As balas nunca lhe tinham visto as costas, e quando travava acção com o inimigo, mal fazia um movimento rompia-lhe logo o quadrado. Os soldados, que se não occupam da politica a não ser para lhe pedir pão e rancho, chamavam-lhe o seu *Fura-coiraças*, o Imperador o seu *caro coronel*, Luiz XVIII o seu *heroe*. Bondade, bravura, dedicação, este triplice morgado não o tornavam mais orgulhoso; o conde Eloy Thiago Mesmin Ponsonnard de Vauconsant estava habituado aos titulos.

Tinha o coronel tambem uma paixão: era a leitura. Levava comsigo a bibliotheca, resumida a um alfarrabio de pequeno formato mettido nos coldres, e á noite, entre duas batalhas, emquanto que ao fogo dos bivaques onde ferviam as panellas os veteranos palestravam com os galuchos, divisava-se o coronel passeando só, sem botas, com o nariz em cima do livro, taciturno como sempre, com uma ruga sobre a sua larga e sympathica fronte, ruga que é como que o golpe de sabre que nos arremeça a meditação...

—Que diabo! anda sempre a estudar n'aquelle livro! diziam os recrutas.

—Deixa-o lá que é um patusco mui valente, e home' fino, que não ha nenhum coma elle na Guarda p'ra dar cabo d'Austriacos e de Europeus; e antão de Prussianos não fallamos.

—Mas nunca diz nada...

—Na' precisa fallar, dá espadeirada velha.

Isto foi no dia immediato a Wagram.

—Ahi vem elle... rosnaram uns.

Era com effeito—grave, e silencioso, de barrete de policia, com a sua cabeça talhada em quatro faces como um quadrado d'infanteria, com as mãos levantadas sempre a segurar o cartapacio que attentamente lia.

—Este não tem as mãos atadas, murmuraram alguns dragões.

—E é pae dos soldados apesar de ser home' rico.

—Podem bem fazel-o duque ou marechal, disse um terceiro, que em frente do prove soldado esta peste d'honras não o mudarão nem como isto! E mostrava um terço da unha do dedo minimo.

—Dizes bem, concluiu um cabo, este coronel legitimista estima o soldado que se faz matar pelo Imperador; mas o que eu qu'ria é que me dissessem o que ha n'aquelle papel; serão santos?...

—Na', é uma carta da mulher...

Outro sem duvida melhor informado ia dar a sua opinião, mas o coronel passou muito perto d'elles e tudo se calou. Ponsonnard tinha levantado a cabeça, abaixado o livro, e, tranquillo e severo á força de attenção, contemplou os soldados.

—Vocês bateram-se bem, soltou elle lentamen-

te como se as palavras o incommodassem, obrigado.

Um calefrio percorreu todo o grupo da primeira á ultima das praças. O coronel perguntou ainda:

—O ajudante de Drouhin?

—Na ambulancia, disse uma voz.

—Chabertou?

—Na ambulancia.

—Trouquoy?

—Na ambulancia.

—Hennerick?

—Na ambulancia.

—E os tres homens mortos?

—N'uma cova por detraz das bagagens.

—E vós, de saude?

—De grande, meu coronel, muito obrigado.

—O rancho?

—Bom.

—Está bem. Bôa noite.

E retomando o seu passeio com gesto secco, baixou a cara, levantou os cotovêllos e continuou a ler, em quanto a tropa coxixava:

—Vistes-lhe o livro?

—Não.

—Vi eu. É um livro que tem mais de cem annos. Tem uns gatafunhos que parecem amodes lettras e a capa de pelle d'*alifante!*

Era meia noite. Ouviu-se ao longe um tambor. Os dragões deitaram-se de roda do lume, adormeceram sonhando que o seu coronel tinha curtido a pelle do rei da Prussia para enquadernar o seu famoso alfarrabio. É um sonho como qualquer outro!

III

Houve assim combates durante annos, sem que o conde mudasse de habitos. Solitario, sempre mudo, sempre lendo, foi insensivel ao casamento de Napoleão com Maria Luiza, ao nascimento do Rei de Roma e ás festas de Paris. De chicote na mão, solidamente montado em uma egua de alto preço esmeradamente cuidada no potril para a grande guerra, não interrompeu o seu mutismo senão na tomada de Witepsk e de Smolensk, onde o seu instincto tactico se resumiu a este clamor: «Carregar!» Já não pertencia á Guarda e commandava um regimento de couracciros sob as ordens de Caulaincourt. Em Moskova a 7 de dezembro, tendo Montbrun proposto attacar um forte de oitenta boccas de fogo e tendo ali morrido, o Imperador enviou Caulaincourt, *o bravo,* que avançou com a sua divisão de que fazia parte o regimento de Ponsonnard. Á primeira voz de commando os couracciros, com a cabeça baixa e urlando como mastins, arremeçaram-se aos muros á redea solta, derrubaram o inimigo, saltaram as reservas e de um pulo cahiram no interior do forte,—mas quando se foi ver faltava Ponsonnard.

Estava na ambulancia com o corpo ferido por um estilhaço.

Tinham collocado a maca n'uma barraca de taboas armada em cinco minutos: o cirurgião desenrolava o seu arsenal em presença de um capitão ali mandado pelo Imperador.

—É preciso fazer operação.

O sr. de Ponsonnard abriu os olhos e fallou, o que era um acontecimento.

—Chabert... o cabo Chabert... peço que chamem o cabo Chabert!...

Sahiu um homem e trouxe o cabo Chabert; o coronel não tinha fechado os olhos tornados mais brilhantes pelas dôres.

—Trazes o *Plutarcho*?

—Trago, meu coronel; tirei-o dos coldres, quando vossa excellencia cahiu.

—Está bom... anda cá... chega te para aqui.

O cabo aproximou-se, e grave, calmo, satisfeito de ser obedecido, o sr. de Vauconsant deu duas ordens sem despegar: Faça a operação, disse ao facultativo; lê, ordenou ao cabo.

Então ambos começaram; o cirurgião fendeu as costas do coronel d'um só golpe de bisturí, o cabo, firme como na parada, os calcanhares unidos, poz-se a ler:

No combate de Exiles em 1747 o marquez de Brienne, coronel d'Artois, tendo perdido um braço tornou á palissada dizendo: «ainda me resta um para serviço da patria», e foi ferido de morte.

—Soffre muito? perguntou o cirurgião.

—Chamo-me de Vauconsant, respondeu elle e voltando para o cabo:

—Continua a ler.

Um official, o sr. de Belconseil viu que uma pessoa de qualidade subindo á brecha de Maestricht tinha cahido de bruços; estendeu a mão direita para o levantar. 'Neste momento uma bala arrebatou-lhe o braço. Sem se admirar estendeu a mão esquerda, levantou o seu chefe sem dizer nada e cahiu morto.

O cirurgião, a quem esta leitura incommodava, impacientou-se:

—Este homem é importuno...

—Continue, mandou imperiosamente Ponsonnard.

O bisturi profundou nas carnes por um salto como de cobra: o coronel tornou-se lívido, mas virou-se para o couraceiro:

—Lê mais.

O cabo continuou:

Uns navios inglezes pretenderam destruir uma bateria na Ile-de-Ré; um capitão, vendo seu filho arrebatado por uma bala, voltou-se para o general: «General, Deus havia-me dado este unico filho e acaba de m'o tirar; que isto não impeça de continuarmos a nossa tarefa!» Mal acabava de fallar quando outro projectil atravessou as fileiras, indo o pae juntar-se ao filho.

—Falta muito? perguntou o coronel sempre deitado.

—Acabo n'um momento,... balbuciou o cirurgião.

O peito do ferido, escorrendo em sangue saltava como uma forja; não se ouvia mais que um leve ruido de serra... e a monotona voz do cabo:

O velho de Riverain, dos exercitos reaes, tinha uma perna de pau e uma bala levou-lh'a quando reconquistava uma posição. «A artilheria gosta das minhas pernas, mas d'esta vez zombo d'ella; porque tenho outra nas bagagens». Todavia morreu: o projectil tinha ferido muito a cima.

—Este sr. de Vauconsant tem um sangue-frio prodigioso! disse baixinho o cirurgião.

N'este momento o coronel fez um esforço para se levantar.

Mas de repente grande lividez lhe cobriu a fronte, e com os bigodes erriçados, sorrindo, estendeu-se em todo o comprimento da maca, parecendo dormir...

O couraceiro abaixou a cabeça:

No cerco de Namur o conde de Castelnau, que estava junto de Luiz XIV no attaque de uma obra, recebeu no peito um tiro de mosquete, foi perfeitamente ouvido o zunir da bala, e o monarcha perguntou se alguem estava ferido. «Parece-me, disse sorrindo o moço conde, quo alguma coisa me tocou...» Uma hora depois veio um correio annunciar ao rei o resultado do ferimento, e não poude dizer senão...

Como era o fim da pagina o cabo voltou a folha.

—Morreu!... bradou o cirurgião.

«*Morreu!*», leu o couraceiro.

E fechou o livreco.

José da Silva Picão

A CAMINHO DA CEGONHA

CHRONICA D'ALDEIA

Era ahi pelos introitos do S. Matheus. As chuvas outomnaes ainda não tinham apparecido, e a estiagem do verão, que fôra comprida e asperrima, ameaçava prolongar-se indefinidamente, para flagello das mulheres da aldeia, que se viam em papos de aranha para obterem agua sufficiente ás necessidades do consumo.

Os quatro poços, contiguos á povoação, de ha muito que estavam absolutamente seccos. No fundo de todos, como que a attestar as diabruras do rapazio, amontoavam-se pedras de differentes tamanhos misturadas com varios fragmentos de origens diversissimas. Mas, a respeito de amostras de agua, que era o que naturalmente n'elles devia haver, nem sequer uma gotta!

Encontrava-se sim, mas em pequenissimas quantidades nas fontes desviadas meia legua e mais, o que demandava um trabalhão insano para aquella gente infeliz, que forçosamente tinha de vencer a pé essas distancias grandes e incommodas, maxime quando

percorridas tres e quatro vezes por dia e noite, como acontecia ordinariamente.

Mas que remedio, senão abraçar a cruz com heroica resignação. As pobres creaturas assim o comprehendiam tambem, e por tanto resignavam-se com melhor ou peor vontade. Costumadas desde a infancia a uma vida de attrictos e amarguras, arrostavam pacientemente com mais esse sacrificio, que de resto era apenas uma sombra de outros cem vezes maiores, que se lhes deparavam a cada passo na senda dolorosa da sua humilde existencia. Todavia, lá de longe em longe, o desfallecimento annuveava-lhes o espirito, e então maldiziam o seu triste *fadario*, invectivando os protegidos da fortuna que não sabiam o que era soffrer!...

Mas esses desabafos não passavam de fraquezas momentaneas que se esvaíam como fumo. Por que afinal, as jornadas ao poço, a par de muitas canceiras e fadigas, concorriam egualmente para uns certos attractivos que compensavam menos mal aquellas marchas violentas. Eram um ensejo esplendido para as caminhantes narrarem umas ás outras o que occorria na parochia, desde a coscovilhice rasteira e banal, até ás immoralidades de sensação escutadas com avidez pelas gulosas do escandalo. E o ensejo aproveitava-se sempre, não se perdendo um minuto.

N'estas circumstancias, a população feminil andava n'um vae-vem constante a caminho da «Cegonha»,—uma nascente bem reles, mas a melhor das immediações, principalmente quanto á qualidade da agua, que asseveravam ser optima. Até se dizia que o Santos, mestre das letras, que viera de Campo Maior soffrendo atrozmente da bexiga, depois que bebera

da Cegonha, nunca mais importunara o Dr. Vicetto com a massada gratuita da introducção da algalia.

Com taes predicados, e sabido o rigor da estiagem, é facil de avaliar o apreço da famosa agua, especie de manná divino, cubiçado com sofreguidão por um enxame de creaturas. Mas o deposito despejara-se havia um par de mezes, e por conseguinte quem quizesse encher, tinha de esperar que lhe coubesse a vez, por que aquillo ia por sua ordem e altura. O peor porem, é que a nascente continuava a *afalcuar* a olhos vistos, e já quasi que não corria. As humidadesinhas que ainda lacrimejavam as fendas das rochas, iam-se accumulando no fundo do poço e ahi se conservavam quinze ou vinte minutos, o tempo preciso para se encher o covacho. Depois cahia lá o chocalho e... prompto... ficava todo exgottado.

Mas que originalidade é essa de servir o chocalho para se tirar a agua do poço? dirá provavelmente o leitor. Não se admire, excellentissimo senhor: são costumes dos povos. Lá diz o ditado: *cada terra com seu uzo; cada roca com seu fuzo*. E o fuzo, que no caso presente é o chocalho, após a sua natural applicação, isto é, depois de servir por muitos annos para compostura das rezes bovinas, passa pela amputação do badalo, e assim, desprovido do tosco appendice, serve de balde ou caldeiro. Quem não tem chocalho não bebe--dizem por epigramma os estranhos á aldeia. Mas só não bebe quem não quer. Apesar de a agua ser pouca e dispendiosa, até na casinha do mais pobre se dá da melhor vontade a todos que a vão pedir. Assim se confirma a boa e generosissima hospitalidade alemtejana, que não encontra rival em toda a terra portugueza.

Reatando porem a narração, fica evidenciado que o sitio da Cegonha era n'aquella epocha calamitosa um constante acampamento do mulherio indigena, que alli se entretinha horas e horas com uma paciencia extraordinaria. Verdade seja que ellas procuravam distrahir-se por mil maneiras, todas tendentes a esquecer a arrelia da espera e a aridez do local. De noite dormiam, resavam e parolavam. De dia assentavam-se á sombra de uma vetusta e copada azinheira onde costuravam ou faziam meia, quando não se penteavam umas ás outras, porque para tudo havia occasião. E ao mesmo tempo que manejavam a agulha ou moviam o pente, tagarelavam com frenesi sobre os assumptos locaes, especialmente se se discutia os namoros de parentes, ou as qualidades das quatro senhoras da aldeia — das *graves*, como lhe chamavam por consideração algo ironica as suas rusticas comparochianas. E se por ultimo Morpheu as accommettia, ellas rendiam-se-lhe de boamente, por que emfim, uma séstasinha n'aquellas alturas é mesmo de appetecer. E então as raparigas, que se pellam por uma somneca! Dava gosto vel-as para alli estendidas á frescalhona, sobre as musgosas lages do granito, apenas com uma saiasinha curta sobre a camisa, com os seios á vela e os cabellos desgrenhados, n'um abandono natural, voluptuoso, excitante!.............

....

Entretanto enche-se a poça.

O facto fôra espreitado de antemão por muitas interessadas, e agora que se realisa, produz o costumado alvoroço, especialmente n'aquella a quem pertence a vez. Pudéra, se a pobre pode emfim encher o seu bojudo cantaro de barro.

Um só, bem entendido. Mais não pode ser. Se a agua sobejar, pertence á espera immediata. É a direitura, ou, melhor dizendo, o costume, que se observa escrupulosamente, embora não conste do bolorento cartapacço das posturas municipaes. Suppomos que é por isso mesmo que o costume se cumpre á risca.

Mas seja ou não, pouco importa isso. O que é certo é que a dona da vez, mal o covacho encheu, arrima logo á fonte, ageita a bilha, desenrola a corda do chocalho e zás... catrapuz... lá vae o dito para o fundo do poço, d'onde logo se ergue a trasbordár, esguichando-lhe a agua pelas dezenas de buraquinhos de que está crivado, mercê da acção do tempo e da continuidade do serviço.

Effectuado o enchimento do cantaro, a boa da mulhersinha colloca-o á cabeça e dispondo-se a partir, grita para as outras:

—Haja saude! Bem té logo, filhas, que eu cá me sumo!...

As companheiras acarradas á sombra da arvore, contestam-lhe com um bocadinho de inveja:

—Ála, que se faz tarde! Olha não te enganes no caminho! Dá lá soidades!...

E parte. Parte triumphante com a sua carga, deixando encostados ao redor do poço um cardume de cantaros e chocalhos de diversos tamanhos, que ainda alli permanecerão horas e horas, testemunhando a penuria da nascente e a constancia do mulherio.

E os ganadeiros que percorriam a rastolhice visinha, *traiteando*, uns a alfeirada dos novilhos, outros a bacorada dos herviços, ao verem aquella scena de-

soladora nunca deixavam de murmurar pezarosos:
—Que de *esperas* que ha hoje na Cegonha!.......

*

* *

Uma hora da madrugada. Noite serena. Luar esplendido.

Ahi á Cruz da Velleza, caminhavam para o poço, a Victoria á Pingalha e a Luiza á Ratucha, duas mocetonas de truz, capazes de embeiçarem o mais sisudo ecclesiastico.

Ao longo da vereda escabrosa e ingreme por onde ellas seguiam, tudo era triste e medonho. Á direita, os pedregulhos colossaes da gruta da Lapinha; á esquerda as ruinas dos velhos cazarões da Ladeira; na frente a desmantelada cruz de pedra que dava o nome ao sitio, e na rectaguarda o humilde cemiterio da aldeia, com dois cyprestes unicos, e a via ferrea, com os seus esguios postes telegraphicos, avejões sinistros, que na sua immobilidade constante, infundiam tetrico pavor aos fanaticos supersticiosos.

O zumbido impertinente dos arames, quebrando o silencio sepulchral d'aquella hora mysteriosa, era mais outra nota exquisita que imprimia singular aspecto áquelle ponto ermo e solitario.

As raparigas á medida que venciam a encosta, assim acceleravam o passo, fallando alto, muito alto, na intenção manifesta de afugentarem o medo que ambas sentiam involuntariamente, a despeito do seu caracter resoluto, pouco dado a pieguices.

—Ai comadre! Sinto um tremor nas pernas!...

Sempre cuidei que fosse mais tarde... Se soubesse que era tão cedo, não vinha á fonte a esta hora. Até se me erriçaram os cabellos, quando ouvi soar a uma!...

—Olha cá, Luiza, *tamem* eu não vou com a cera toda junta, e mais não sou *cagarola*... Uma pessoa sahir de casa, assim fóra de horas, e para sitios tão *soturnos!*... Onde quer está um desavergonhado que póde fazer pouco da gente... E então se nos apparece algum medo?... ou alguma alma do outro mundo... Que a mim, afigura-se-me que tudo isso são *enzonas* das creaturas velhas, que se querem *adevertir* com a *familia* moça! Pois se eu ainda não vi nenhum medo, e já tenho uma *catrefa* de annos. Tu já viste, comadre? pergunta a Victoria com interesse.

—Eu não, responde a outra. E acrescenta:—Mas dizem que os *ay*, e bruxas... e lobis-homens... e moiras encantadas...

—Lá moiras encantadas, a modo que é verdade havel-as. Se as não houvesse, de má sorte chamariam *Oiteiro da Moira*, além áquelle que se está vendo em *Villa Cova*.

—Pois isso é velho, confirma a Luiza.

E a Victoria prosegue:

—O que m'a mim dá que pensar é dizerem que na noite de S. João, á meia noite, a moira quebra o *encante* e apparece cá em baixo na ribeira, alli ao pego da Azenha. Se será verdade?!...

Entretanto alcançaram o topo da colina, e logo depois entraram na caleja de Safara,—azinhaga estreita e tortuosa, ladeada de muros antiquissimos, revestidos de espessos silvados, que alli se desenvol-

viam á vontade, para melhor vedação das vinhas confinantes.

A Luiza, que sentia augmentarem-lhe os receios, á medida que avançava, murmurou impaciente:

—Amaldiçoada seja a caleja esta, que tão *escusa* é!... Muito passa quem é pobre!...

N'este comenos, o regougo agudo e prolongado de uma raposa, echoou lugubremente por aquelle escampado fóra, ferindo os tympanos da pobre moça que nunca agoirava bem do cantar das raposas.

A Victoria, que lhe conhecia o fraco, exclamou jovial: —Olha a grande zorra, como ella canta forte!... E está *pertichinho* de nós... Soa de alli logo... Havia de ella assomar aqui, que eu gostava de lhe ver o *rabazolho!*

— Pois eu não! Nem a quero ver, nem ouvir. Só eu sei o que sinto no *enterior*, quando oiço de noite aquellas *ladronas* velhacas. Lembram-me os lobis-homens...

E calou-se repentinamente. Reparára em duas luzinhas que brilhavam sobre o verde escuro dos silvados, e que afinal não passavam de dois lindissimos pyrilampos. Mas ella, que ao tempo só pensava em lobis-homens e phantasmas, imaginou logo bruxaria.

—Que será aquillo, Victoria?

—Ora! o que ha-de ser, tonta? Nem *sequera* vês que são dois *arem-cús*. *Tamem* tens medo d'elles?

—Não, dos *arem-cús* não me arreccio. Mas afigurava-se-me outra coisa... Se isto tudo é tão medonho!

—É medonho, é. Mas que lhe havemos de fazer. O melhor é desterrarmos pensamentos tristes!...

Com estas e outras praticas, as duas moças le-

vavam de vencida o solitario caminho da azinhaga, cuja desembocadura já avistavam perto, descobrindo-se então o opulento chaparral do Baldio do Conde, que era como que o vestibulo do estiolado vergel onde ficava o poço da Cegonha, ponto terminus da sua jornada.

Em certa altura ambas se recolheram ao silencio, seguindo sempre a passo ligeiro, proprio de gente nova, que não cança facilmente. Mas de subito, a Pingalha estacou, e disse a sério:—*Tato*... temos obra!....

Algo de extraordinario succedia. Ella não procederia assim por futilidades de pyrilampos, ou outras semelhantes. Havia novidade de respeito, com certeza. Em todo o caso não se atrapalhou. O que fez foi tocar no braço da Luiza e dizer-lhe baixinho:

—Não vês um vulto, além ao fundo da caleja, mesmo ao canto, assim como coisa de creatura que está assolapada?

—Vejo sim, respondeu a companheira, visivelmente assustada. E observando melhor, acrescentou a tremer:—Ai *nina*, que é um homem!... Algum maroto capaz de implicar com a gente!...

Effectivamente, junto ao muro do lanço da Safara, descobria-se o corpo de um homem agachado. Permaneceu assim coisa de dois minutos. Depois ergueu-se, com um vara-pau na mão, e em seguida olhou logo para todas as direcções, como que a certificar-se de que ninguem mais o veria. Parece que reconheceu isso mesmo, porque immediatamente deu alguns passos para o centro da azinhaga, onde parou. Alli assobiou de um modo especial, encostando-se ao pau, de rosto voltado para as raparigas, que fixava

com attenção. As duas sentiram um calafrio pelo corpo todo. A Ratucha teve de amparar o cantaro com a mão, para não atirar com elle a terra : tremia como varas verdes. E batendo castanholas diz para a outra :

—Ai, Victoria, que trabalhos tão grandes!... E que tanganho com que elle se *apezunha*, o amaldiçoado!

—Falla baixo, mulher, que a *embrechada* não pára aqui. Verás tu que o marmanjo não vem sósinho... Toma sentido além para a *quina* do Valle de Andorinha, que has-de bispar a cabeça de outro moinante que se assoma e esconde logo, como quem está com escovinhas... Olha, lá appareceu elle agora todo... E que bregeiro que é o patife ... Andar em fralda de camisa! E vem para cá... traz uma coisa na mão... Isto é *molhada* dos dois, por força!...

A Luiza julga-se perdida. Nem ao menos ouve os commentarios da Pingalha. A chorar, recorre á protecção celeste :

—Valha-nos a Senhora do Rosario!

A Victoria tambem não está afoita. Ouvindo a supplica da companheira, acrescenta commovida : — Sim, valha-nos Nossa Senhora. E o Senhor da Piedade nos acuda!...

Entretanto, o homem que viera da esquina do muro, dirigiu-se para o outro do pau, que permanecia quieto no meio da estrada. Chegou-se a elle, pousou no solo o objecto que segurava, e, acto continuo, começaram ambos a fallar baixo. Evidentemente eram companheiros. E um e outro fitavam com persistencia as duas raparigas, que por seu turno já tinham parado tambem, á respeitosa distancia de uns 300 passos.

Passado um instante, os dois desviaram-se um pouco, e collocaram-se de modo a estorvarem a marcha ás moças, se por acaso ellas avançassem.

As pobres ficaram geladas. A Pingalha, porém, chamou a si uns restos de força moral de que ainda dispunha, e disse resolutamente:—Seja o que Deus quizer! Para deante é que é o caminho... toca a andar...

—Não, Victoria, não, obtemperou a Luiza com voz sumida. É melhor voltarmos para traz e desatarmos a fugir.

—És parva! Pois não vês que se fugirmos, elles, querendo, pilham-nos logo.

A tão sensata observação, a Ratucha não atina com resposta de geito. Por fim titubeia:

—Ai comadre da minh'alma! Isto é o fim da nossa vida! Aquelles mariolões são capazes de nos matar. Pelo menos dão-nos uma untura valente, que nos deixam a pão e laranja. E se fôr só isso?!... Ui!... que dôr de barriga que eu tenho!...

A Victoria está tão absorta, que nem dá pelas lamentações da amiga. Sente-se igualmente perplexa, attonita, sem se atrever a caminhar para deante, conforme tinha dito.

É n'essa occasião que os dois soltam estrepitosas gargalhadas. E sem mais aquellas, os presumidos *moinantes* adeantam-se para as raparigas, zurrando e espinoteando como uns doidos. O da camisa de fóra grita de largo:

—*Arrenquem* d'ahi, suas badanas medrosas!... Que tal foi o sirote?!

E o do pau observa-lhe em chacota:

—Deixa-as, parente! Deixa-as! que estão entu-

pidas!... Tomem ar, *pavonas!* Tomem vento, se não querem morrer de susto! A apostar que a Luiza bota cheiro!...

E a Pingalha e a Ratucha reconhecendo as vozes dos dois, exclamam admiradissimas:

—O Ventosas!...

—O Carrapichana!...

—Quem tal havia de dizer! conclue a primeira, deveras assombrada.

—E é verdade! corrobora a segunda, ainda estupefacta.

Eram effectivamente elles. Eram o Chico Ventosas e o Thomé Carrapichana, dois rapagões alentados e esturdios: o primeiro, namoro encartado da Victoria; o segundo, derriço fiel da Luiza.

Aquillo tudo fôra pirraça lembrada por ambos, duas horas antes, quando se juntaram na praça da aldeia para regressarem ao trabalho. Até esse tempo haviam passado a noite de namoro com ellas mesmo, que lhes disseram estarem tratadas para sahirem de madrugada á fonte, na mente de se demorarem pouco com a espera da vez. Isto revolveu-lhes o miolo. Vieram-lhes cocegas de segunda entrevista, lá fóra ao luar, no caminho do poço. São as melhores, disseram elles para comsigo, evocando scenas semelhantes, succedidas frequentemente.

Por conseguinte ao sahirem da povoação, accordaram logo no plano da empreza. Iriam esperal-as um boccado mais adeante, ahi p'r'ás bandas das vinhas. Depois, quando as lobrigassem, metter-lhes-íam medo por qualquer maneira, que as assustasse bastante...—É uma pançada de rir que um homem apanha! concluiram elles muito joviaes, muito espirituosos.

—És um velhaco! um maroto!... disse a Pingalha para o seu Chico, mostrando-se furiosa. Teres a pouca vergonha de nos sahir ao caminho, como fazem os ladrões!... E se eu morresse de susto?!

—Então agora pões-te arisca?... observa-lhe elle, á laia de galanteio.

—*Tis-tó,* cão! que eu não sou besta. Começa com alarvidades e verás quem é esta amiga. Ora o atrevido!... Sempre ha cada farçoleiro!...

O Chico começava a arrepender-se da chalaça. Aquella descompostura, assim á queima roupa, doia-lhe como picadas de alfinetes.

Necessariamente, tinha de mudar de tactica. Precisava deitar agua na fervura. Senão entornava-se o caldo, e isso não lhe convinha.

—*Baia* um genio *condemnado!* redarguiu elle, procurando ameigar a voz. E depois, com modos humildes:—*Caramba,* mulher, que de tudo desconfias! Se queres, peço-te perdão!... Olha, sabes o que te digo? dá-me o cantaro, que eu t'o levo até além adeante. E entrementes, ouves umas coisas que eu te quero contar. Sim, deixa-te de amuos... aquillo foi brincadeira... Cá por mim estão as pazes feitas. Toma lá um figo... é dos verdiaes... E offerece-lhe o saboroso fructo.

A Pingalha ouvia em secco. Nem pio. De resto lá para com os seus botões monologava:—Que diabo, as *trapuchas* teem de acabar. Se eu morro-me por elle!... Está dito... acceito as pazes. Mas não lhe mostro o focinho logo ás primeiras!...

N'estas intenções tirou o cantaro da cabeça, entregou-lh'o, e disse-lhe bruscamente:—A vontade que me dá é quebrar-t'o na cara! Mas larga p'ra cá o fi-

go... E recebendo-o, agradece com uma palmada teza sobre as mãos do Ventosas.—É a paga! disse ella rindo. E seguiram ambos para deante, aos sopapinhos um no outro. Estavam congraçados.

Ouçamos a Luiza. Esta, sahindo do torpor em que ficára, mediu com circumspecção o alcance da pirraça e não gostou. Pareceu-lhe forte de mais.

Por consequencia voltou-se para o Carrapichana e exprobou-o: — Se cuidas que estou bem comtigo, enganas-te. Agora vejo que não tens *lacha* nenhuma! Appareceres-me aqui a horas mortas, e assim de camisa de fóra como os ensaiados!... Quem te deu essas confianças?!

Elle sorri, e responde:

—As confianças tomei-as eu... E a respeito da camisa de fóra... são coisas... Foi preciso assim...

—E para que? Para que foi isso?

—Para te trazer contente, que é só no que cuido! Para te molhar a bocca, prenda da minha alma!... E voltando atraz, o Thomé corre como um gamo ao sitio onde pousara o volume que trouxera na mão, e d'elle tira um formoso cacho de uvas, que se apressa a offerecer á Luiza.—Toma lá, tonta... Come-as á minha saude! Fui caçal-as alli ao bacello. Por isso é que despi o collete e puz a fralda á vela. Quiz assim metter medo *ó pachelgas* do vinheiro... Como elle fugiria a escape, se visse lá dentro este phantasma! Se lhe não désse para me atirar alguma chumbada, que tudo podia ser. Por isso me raspei logo... Aquillo foi n'um *flaite*... O Ventosas ficou de fóra á espreita, a ver em que paravam as modas!...

Mas a Ratucha não acceitara as uvas. Ia sómente ouvindo o que o namorado lhe dizia. Por ul-

timo, quando elle pareceu terminar, ella observou-lhe:

—E é com esse carão deslavado que me contas acções d'essas! Porventura, pedi-te eu alguma vez para que furtasses uvas para mim ou para *qualquera?* É onde póde chegar a *desfachatez!* E olhar eu para um menino d'esta laia, que furta uvas de outrem e sahe ás moças de noite! E eu que lhe dei *creto!* E eu que lhe metti no bico que vinha p'r'áqui e mais a Victoria!... O que falta, é que agora appareça alguma má lingua, que nos apanhe aqui de *subato*, a ver-nos de paleio sósinhos no meio da caleja!... Não era preciso mais p'ra ficar deshonrada nas boccas do mundo!...

E ao lembrar-se de que n'aquelle momento grave, corria perigo a sua honra impolluta até então, a honesta rapariga rompeu n'um choro copioso, que atrapalha bastante o atrevido Carrapichana. Quasi que se commoveu.

—Ora não ha uma coisa assim! exclama elle, meio desorientado. Fiz-lhe a partida cuidando que a fazia rir, e vae desatar-me a chorar! E a chorar porque? Por nada, a bem dizer. Pois então tirar uma pessoa um esgalho de uvas n'uma vinha d'estas, que é uma *laima* de terra, é coisa que faça mal a alguem?!... *(Indignando-se)* E os zangonaes dos vinheiros por que as não dão, quando um homem lh'as pede para se fazer novo, ou para matar um desejo?!... Mas isso dão elles, que é festa. Se fosse p'ra alguma *rafiona* que lhes mostrasse os dentes, ou p'ra algum basofão que lhes acenasse com a *pataca* era logo! Mas cá p'r'o pobre, que não affrouxa tabaco, nem aveza *cheta* ou coisa que o valha, isso cruzes.

Inda hontem, quando á boquinha da noite aqui passamos de virmos da obrigação, e que elles estavam *espernegados* além nas pedras a botarem fumo e a venderem *lampanas,* nós lhes pedimos á boa paz um cacho p'ra cada um. Pois os *filhos de curta,* fóra as mães, puzeram-se a rir da gente, com ares de escarneo. E o preguiçoso do Pau Vestido respondeu á bocca cheia: — Estão verdes!... Nós enchemo-nos de brio e não lhe voltamos troco. Que eu ainda disse devagarinho:—*agora fanfas tu,* chibato sarnoso! mas deixa estar que ainda te heide puchar p'la *gadelha!*... E fomos p'ra deante. Mas assim que os vimos p'las costas, eu disse escamado p'r'o Chico:— Pois não a havemos de pregar áquelles beldrogueiros sovinas? E elle respondeu:—«É só *amanhem!*» E foi o que fizemos, p'ra que não façam pouco dos rapazes... Que digam agora que estão verdes!...

E o Thomé julgando-se justificado, remata a defeza envergando o collete e a vestia, ao mesmo tempo que acrescenta com doçura:—Já tu vês, Luiza, que se furtei não foi por mal; foi por um despique!...

—Mas eu não gosto de despiques, observa ella, com restos de choro.

Elle finge que a não ouve, e continua brandinho:

—Não chores, filha... anda, acceita as uvas!...

— Já te disse, Thomé, que eu não como uvas furtadas. Tenho *escrupalo!*

—Qual *escrupalo* nem *escrupalos!* Eu cuido que não é peccado uma pessoa furtar uma *recularia* para comer... E mais d'isso, não foste tu que furtaste!...

E o Carrapichana persistindo na sua idéa, qual outro demonio, tentando uma segunda Eva, chega o po-

mo prohibido mesmo aos labios da pequena, dizendo-lhe muito dengoso:—Ao menos este *esgalhinho!...* Vá, acceita!... supplica elle, derretendo-se como manteiga em fins de julho.

E como «*agua molle em pedra dura tanto bate até que fura*», a Luiza, dando razão ao proloquio, deixa perceber um risinho bonançoso, indicio seguro de tacita condescendencia.

—És o diabo a attentar-me! arrulha ella com meiguice. Eu a não querer peccar e tu...*zumba*.... *ateimando* sempre! Não m'attentes, homem.. não m'attentes!... *(Reflectindo)* Só se deres um pataco ás almas. Se me promettes isso, acceito.

—Pois darei o pataco, está dito.

—Palavra de honra?

—Palavra de honra, está bem de crer. Para prova ahi vae o *cepo*. *(Estende-lhe a mão)* Aperta, papoila!...

—Ora, deixamo-nos de tolices. P'ra que diacho te heide apertar a mão?! Basta a palavra.

—Anda lá, aperta sempre. É a maneira do negocio ficar valioso!

Ella então rende-se de todo. Já não tem forças para resistir mais. Aquillo de elle prometter o pataco ás almas, com aperto de mão á mistura, enterneceu-a tanto que lhe esquecem todos os escrupulos, que por acaso ainda lhe restassem.

Deram pois as mãos, está sabido. E é claro que ficaram com ellas enlaçadas por muito tempo, n'um extasi eloquente, deleitoso. Estavam bebedos de amor.

—Se te parece, Luiza, é melhor irmos alli *p'ra o pé* da parede e conversaremos uma migalhinha,

assentados. Se vier alguem, eu escondo-me detraz dos carapateiros, e tu finges que estás a atar as ligas.

—E isso não parecerá mal?

—Mal porque? Ninguem nos vê!...

—Mas podem-nos ver.

—Qual historia!... Se vier *gentio*, eu escondo-me.

—Bem, vá lá. Mas hade ser por pouco tempo...

Ella arrimou o cantaro junto das silvas, e assentou-se no chão, muito ligeira.

Elle já lá estava, aguardando-a impaciente.

E ao sentil-a alli, a seu lado, hombro com hombro, face com face, pegou-lhe na mão e apertou-lh'a com furor.

—És mais bonita que a rainha! diz-lhe elle n'um ataque de enthusiasmo.

Ella embeiça e finge protestar:

—Credo, Thomé! Pois eu posso comparar-me com rainhas?!... Os teus olhos enganam-te... Mas verdade que fosse, o *lucaro* era teu. Não heide eu ser tua?

—Isso são favas contadas, confirma elle muito ufano.

Mas, immediatamente assaltado por um pensamento sombrio, que raras vezes olvidava, perde o tom faceto e observa macambuzio:

—O peor é a volta das sortes... Se tiro numero baixo, amolam-me! E uma vez na tropa, adeus casamento por estes annos mais chegados!

E o Carrapichana, prevendo a realisação das suas hypotheses mofinas, passa ao estado colerico e explode:—*Raios partam os ladrões que nos mandam a ser soldados!...*

A Luiza escutava-o com singular attenção. Desde que elle fallára em sorteio, ella ficára a tremer. Não o queria soldado por coisa nenhuma. Parecia-lhe que em elle assentando praça se esqueceria logo d'ella, para ir arruar lá pela cidade, de namoro com as creadinhas finorias,— uns estafermos amarelentos, umas lambisgoias esgrouviadas que só teem imposturice no corpo!... E esse abandono podia ser completo... a ponto de casar com uma das taes!... Mas se commettesse semelhante traição — Deus lhe perdoasse—mas haviam de lh'o pagar. Iria ter com os dois e chamar-lhes-hia, a elle tratante, falso, relaxado; a ella, gata podre, cara feia, pelada!... E em desabafando tudo, trataria de se deitar na *linha,* para o comboio a reduzir a frangalhos, por não querer viver mais.

Taes eram as intenções da Ratucha, se por ventura se realisassem os seus funestos presentimentos.

—Não me falles em coisas tristes, diz-lhe ella, suspirando, após a praga d'elle. E ao mesmo tempo, não podendo disfarçar o que sentia, os seus bellos olhos negros verteram duas lagrimas diamantinas, que lhe rolaram pelas faces rosadas e louçãs, como indicio evidente do seu amargo desgosto.

O Thomé comprehendeu aquellas lagrimas. Já as conhecia de outras occasiões.

—Tens razão, Luiza. Perdoa a minha lembrança... Que *tamem* não é *p'ra* choros, por ora. E mais d'isso, quem sabe se eu serei soldado. Tenho fé que não... Mas se o for, nunca me esquecerei de ti.

—Juras? pergunta ella anciosa.

—Juro, sim. Juro-t'o, como homem de palavra que não volta atraz.

E levou-lhe a mão aos labios, beijando-a repetidas vezes.

A Ratucha recebeu os osculos do amante como choques electricos, que a faziam voltar ao extasi de venturas em que se enebriara antes, quando elle a gabara.

As expansões enthusiasticas irromperam-lhe da alma, vehementes, sinceras, arrebatadas.

—Ah Thomé! és um moço como um cravo! *P'ra* mim vales mais do que o rei! .. mais do que todos os homens! Quero-te muito... muito!... E lançou-lhe um olhar eloquentissimo, repassado de ternura, repleto de languidez.

Elle ficou deslumbrado. Nunca a vira tão formosa. Quiz corresponder-lhe, mas não poude. Sentia-se embatucado. Por fim gaguejou:

—Tu estimas-me a valer, mas eu inda te quero mais. És uma borreguinha!... E passou o seu braço potente e musculoso sobre os largos hombros de ella, forçando-a suavemente a unir o seu rosto meigo e pequenino, ao d'elle correcto e varonil.

As suissas do Carrapichana roçavam ligeiramente sobre as faces da Luiza, que se contrahia nervosa ao estimulo das comichões.

—Larga-me, Thomé!... Larga-me... que isto não está a calhar..., diz-lhe ella, titubeando, sem forças para resistir.

—*P'ra* que te heide largar, filha, se assim gosamos tanto!...

E sem a attender, elle estreitou-a ainda mais, beijocando-a com delirio.

E os dois entregaram-se doidamente áquelles requintes de volupia que os materialisaram de todo...

Por fim, regressaram á vida normal. Que remedio! ella tinha de seguir para a fonte; elle para a herdade. Então é que se lembraram da Victoria e do Ventosas.

—E elles a esperarem pela gente! diz a Ratucha, com a sua ingenuidade de camponeza.

—Conversa, Josué! Logo elles esperam por nós... Ha que estão *emanchados*, observa o Carrapichana com malicia. E acrescenta: —Mas vamos andando que se faz tarde; elles apparecerão, se quizerem...

E puzeram-se em marcha, sem trocarem uma phrase até á sahida da caleja. Alli olharam para todos os lados, mas a respeito de Ventosas e de Pingalha, *nicles*. Onde estarão aquelles marotos? pergunta a Luiza com mostras de surpreza.

O Thomé responde:

—Ora onde hão de estar!... Estão *p'r'ahi* a *gosarem*, detraz de alguma moita...

Mas a Ratucha queria certificar-se. Chamou em voz alta.

—Victoria!... Oh Victoria!...

—Já lá vou, mulher... já lá vou... responde a Pingalha, de um arrife de pedras, encoberto por uns sobreiros.

E confirmando a promessa, a Victoria amanha o lenço, agarra a bilha e põe-na á cabeça, dispondo-se a partir. O Chico porém segura-a pelo braço e diz-lhe rindo:

—Então abalas, sem dizeres adeus?! Pois eu não te largo, sem me despedir de ti. E zás, prespega-lhe nos labios dois beijos prolongados e luxuriosos, que foram o epilogo forçado de um drama de erotismo.

Mas a Victoria, sempre resoluta e azougada, fixa-o com modos bregeiros e diz-lhe:

—Ainda não estás farto, guloso?!...

E sem esperar resposta, dá-lhe um sacão violento, fugindo-lhe dos braços, e partindo a correr para a estrada, ao mesmo tempo que exclama alto:

—Ahi vou Luiza... ahi vou!...

Encararam-se. Encararam-se, e envergonharam-se. A Ratucha commenta:

—Boa a fizémos, Victoria! Estarmos *p'r'aqui* enredadas de parola com os rapazes, assim sósinhas... duas moças solteiras!...

—Pois por sermos solteiras é que isso não parece mal, tonta, observa a Pingalha apparentando indifferença.

E conclue:—Eu cá não me apoquento... Será o que tiver de ser... *(Reflectindo)* Sabem o que lhes digo... nós, as femeas, marchemos já p'rá fonte e vocês, os machos, girem *p'r'o* trabalho.

—Fallas com cabeça, mulher, observa a Luiza. Quanto mais depressa nos apartarmos, melhor. Se nos descuidamos, ainda nos topam juntos.

—Pois *p'ra* que nos não *topem* é *zunirmos* sem demora.

—Ainda é cedo, observa o Chico.

Mas, antes que ellas lhe demonstrassem a falsidade da affirmativa, ouvem-se vozes de gente e latidos de cães que, vindos do lado da aldeia, pareciam soar de perto.

—Ai que *semos bispados!* exclama a Ratucha, um pouco desorientada.

A Victoria adverte impassivel:

—Nada de *arreceios* que nos não *pescam*... O

sencial é darmos ás cancellas... E vocês, rapazes, tomem a vereda do monte e sumam-se-nos das vistas.

Os rapazes obedeceram, e as raparigas esgueiraram-se pela estrada fóra, n'um passo ligeiro e meudinho, que depressa as levaria ao fim da jornada.

Entretanto as vozes estranhas passaram a ouvir-se mais distinctamente, e os cães, esganiçando-se com furia, soltavam aquelles latidos agudos e dissonantes que caracterisam os podengos na pista do coelho.

*

* *

Chegaram finalmente.

Sobre a facha de calçada irregularissima, que circumda o poço famigerado, depuzeram as bilhas e os chocalhos, depois de soltarem um suspiro profundo, que tanto significava saudades libidinosas das peripecias recentes, como explosão de quesilia por não apanharem a *vez*, que era, pelo visto, de mulherio mais aguçoso, como indicava a presença de alguns cantaros vasios, para alli emborcados a esmo, Deus sabe desde quando.

—Ai *nina!* quem havia de adivinhar?!... Não *bonda* esfalfar-se a gente a passo de cavallo, tão longe, senão chegarmos cá e fazermos cruzes!... Tres... quatro... cinco... seis... seis esperas!... Anda, comadre Pingalha, aguenta lá esta mecha!... Não *abalemos* d'aqui, menos das oito horas!...

—E é chuchar, comadre Luiza... Nem tudo são rosas... Sim, não sei se me entendes...

—Quem serão as das esperas? pergunta a Ra-

tucha, não prestando attenção á piada da amiga. A Pingalha responde-lhe:

—Essas que forem, devem estar estiraçadas, além debaixo da azinheira. Vamos até lá. O mais certo é termos de as arremedar.

—Se temos! Eu nem posso com as pernas! E o corpo... e tudo!...

E as duas dirigiram-se para a arvore, onde encontraram effectivamente as mulheres a que se referiam.

—Salve Deus a vocemecês, todas!

—Deus as salve, raparigas!

—Caramba, que isso é que é madrugar.

—Mais madrugou vocemecê, tia Leocadia, contestou a Pingalha.

—Enganas-te filha: eu vim *honte*. Cheguei aqui á meia p'r'ás onze. Mas vocês não vieram sós!... Soa p'r'ahi bulha... gente... cães...

—Viemos sósinhas, sim senhora. Isso que ouve são caçadores. Desde lá de baixo, que lhe ouvimos as fallas.

—Pois são caçadores, são. Lá apparecem elles. Se me não engano, um é o padre capellão... e o outro... espera... deixa ver se o descubro... ah!... é o senhor Lourenço dos Cortiços. Conheço-o p'lo modo de andar. Parece que anda peiado... Oh, que dois cadelleiros!... concluiu mordazmente a tal tia Leocadia. E como ella désse o ponto, todas fizeram coro, cruzando-se os commentarios picarescos sobre o moral dos recem-vindos.

—Teem manha como sete rapozas.

—Velhacaria, é que elles teem.

—O que querem é fallar mal. Estão sempre com *picardia!*

—Pois *p'ra* mim veem de carrinho, observa a Gadanha, matrona pimponaça, com ares de doutora. E continua:

—Se elles baterem aqui, e começarem com larachas, hão de ouvil-as! E eu que me regalo toda por dar um arrecuão tezo n'estes *barrascos arrabaceiros!*...

—Pois batem cá, mana Ignez, nota a Luiza, desgostosa, depois de olhar para a estrada.

E não se enganava. Os caçadores, que eram os mesmos que a Leocadia presumira, sahiram da vereda e cortaram em direcção ás mulheres, ao passo que os cães ladravam freneticos, por presentirem alli perto pessoas desconhecidas.

—*Joia!... Giboia!... Pinoia!...* gritou alto o padre Simões, que não queria malquistar-se com as do poço por causa da canzoada.

Mas as cadellas, ignorando as intenções do amo, explodiam dezenas de *bé-béus*, cada vez mais ameaçadores, mais encarniçados.

—Aqui, *Pinoia!*... berrava furioso o capellão, com voz de general em chefe. Mas, qual *Pinoia*! As podengas continuavam a ladrar furiosas, sem se importarem com o dono.

—Está você um bom *pato-moleque*, diz ao capellão o bojudo sr. Lourenço, na sua vózinha pausada e insonsa. Depois, para justificar o apodo, acrescenta:—Quer ver como elles se calam?... Aqui, *Diamante!*... Caluda já!... ordenou o senhor dos Cortiços, interrompendo as palavras com a demora pachorrenta de um conta gotas mechanico. E o *Diamante* calou-se immediatamente, e voltou logo atraz, arrastando á obediencia todas as *Pinoias* e *Giboias*.

Foi um triumpho para o senhor Lourenço e um desastre para o padre Simões.

— Ora vê, *seu* padreca! Veja, o que é um homem entender da poda. No latim me ganha você, mas a mandar cães e a fazer pontarias isso... *bolho!*...

O capellão encavacou com a troça, a ponto de jogar a seguinte bisca:

—Você, *seu acalca-tubaras*, é esperto, lá isso é. Mas não lhe valeu a *finuria* quando *matou* o coelho *empiolado!*... E ferrou-lhe uma gargalhada satanica, que deixou apopletico o zorro do senhor Lourenço.

—Você mente! mente como um judeu!... Olhe não seja mais verdade ir você á meia noite aos *gambozinos,* ao pateo da Joanna do Laranjal...

—Mau! senhor Lourenço, mau!... Isso não é para nós... Quem tem telhados de vidro não atira aos do visinho. *(Adocicando as maneiras)* E o amigo, vamos, que as tem feito boas. Que me diz d'aquella espera ás lebres, acolá nos Lobatos? Ah, *seu* maganão!... D'essa vez não foi você o *empiolado!*...

—Ora, ha que tempos que isso passou!...

—Que fosse ha muito tempo, ou ha pouco, não importa. A partida deu-se, e o amigo não nega, hein?!

—Homem, cale-se para ahi, não oiçam as da fonte. Olhe que estamos ao pé d'ellas... Agora é que vamos conhecer as taes perdigotas que vinham *encasaladas!* ....

—Bons dias, minhas flôres, comprimenta muito cortez o manhoso do padre Simões, dirigindo-se ás camponezas.

—Vivam lá, senhoras moças, saúda ronceiramente o velho Lourenço.

—Bons dias tenham vocemecês *tamem*, respondem algumas.

—Não sei como se atrevem a estar aqui de noite, diz o capellão a pretexto de parola.

—E sem *companha* de homens, acrescenta o dos Cortiços com intenção avelhacada.

—Nem *precisemos* d'elles... adverte a Gadanha, mostrando mau focinho.

—Lá isso precisam, contesta-lhe o padre. Se não precisassem, vinham sós e não acompanhadas.

—Pois nós vimos sósinhas, replica a Leocadia.

—Ás vezes, mana.

—Sempre.

—Sempre é modo de dizer. Pelo menos algumas!

—Como assim?

—Como eu lhe digo, comadre.

—E mais eu, acrescenta o senhor Lourenço sorrindo a seu modo.

—Não entendo, contesta a Leocadia.

—Pois é facil de entender, redargue o capellão. E prosegue:—Quero eu dizer, que entre vocemecês ha quem venha de noite ao poço, acompanhada de homem ou homens. Viram estes que a terra hade comer.

—E estes, adduz o Lourenço arregalando um dos olhos com o dedo indicador. Depois acrescenta: —E não era uma só... eram duas... ou quatro, para melhor, duas femeas e dois machos... dois casaes de perdizes!...

A Ratucha e a Pingalha estremeceram de susto.

—Mas que *arcas encoiradas* são essas? pergunta a Leocadia, um pouco intrigada.

E a Gadanha acrescenta:

—Vá, digam quem são. Nada de nabos em saccos!

—Sim, que não façam umas o feito e outras carreguem com a fama, commentam varias sujeitas atacadas de puritanismo.

O senhor dos Cortiços responde:

—Quem hão de ser? São essas que nos traziam a dianteira. Vocês dirão quem eram...

—A Victoria!... A Luiza!... exclama ao mesmo tempo a maioria do auditorio. Espanto geral.

Era para isso. Depois das duas terem affirmado que vinham sós, e agora descobrir-se o contrario, quem não havia de estranhar? Pobres moças!... Sois dignas de lastima, não só pela falta que commettesteis, mas tambem por verdes a vossa reputação abocanhada por dois linguareiros viperinos que de tudo fazem troça.

Confundidas pelo choque, ellas nem sabiam o que allegar, tão atarantadas estavam. Por ultimo a Pingalha cobrou animo e responde serena:

—Pois viémos na *companha* de homens, não ha duvida. Mas esses homens não nos fazem vergonha: um era o meu irmão e o outro o irmão da Luiza. Se ainda agora dissémos que vinhamos sós, foi por elles nos deixarem lá longe, onde aparta a *carreteira* de Fontalva. Não é verdade isto, senhor padre capellão?

—Que elles se apartaram de vocemecês, lindinhas, é verdade e mais que verdade. Agora se elles eram os seus irmãos, isso não sei, porque os não conheci.

—Todos somos irmãos, gagueja em tom de mófa o senhor Lourenço, que era um alho para indirectas.

Intervem então a Gadanha:

—Não lhe deite pimenta, seu pardal pansudo! As raparigas vieram com os irmãos de verdade, com aquelles que são filhos das suas mães e dos seus paes, entendeu! Você, como só pensa na pouca vergonha, cuida que os mais são o mesmo.

—Que tal está a centopeia! exclama de cara á banda o senhor dos Cortiços.

—Antes centopeia que cadella relaxada, ouviu?

—Não vale zangar, comadre, observa o astucioso capellão, deitando agua na fervura.

—Eu não me zango. Mas não consinto que na minha cara se faça pouco de quem é pobre. Bem vê, que nem todo o mato é ourégãos.

A Leocadia, que estava a embirrar com a questão, e que procura ensejo para dizer dichotes, atalha o despique fallando assim:

—Deixem-se de *trapuchas*, que não é *p'ra* tanto. Vamos a saber: para onde vão os *meninos* á caça?

—Eu, *senhora D. Leocadia,* sigo á toa por essas herdades fóra, a *salto*. E aqui o amigo dos Cortiços, como lhe doem os esparvões, fica alli na fonte do Lobo, a armar aos passaros. É agora a sua mania.

—E já fez o bebedoiro, sr. Lourenço?

—Então havia de estar por fazer, tonta. Aquillo arranja-se de vespera.

—E o *agáchiz?*

—Tambem.

—Quem pucha o cordel?

—Ora essa! pucho eu... ou tu, se quizeres vir commigo.

—Agradecida, mas não acceito.

—Porque?

—Porque não caibo no *socho.*

—Ora se cabias... anda vem... Está tão *geitosinho!...*

—Nada, não senhor... fico-lhe obrigada. Que entrem bem os passarinhos é o que eu desejo. Sempre me dará um, não é verdade?

— Um ou dois, como tu quizeres. Um pintasilgo, não?

—Um pintasilgo, pois. Mas dos velhos, d'aquelles que teem barrete.

— Serás servida, descança. E voltando-se para o lado da Gadanha, o sr. Lourenço fita-a com um sorriso agaiatado e diz-lhe:

—Tu, minha velhota, tambem hasde provar da festa. Se a caçada fôr boa, dou-te um verdelhão.

—Dê-o a quem quizer, que a mim não me faz falta.

—Devéras?

—Já lhe disse.

—Então não fazemos as pazes?

—Com você, senhor diabo, nem bem nem mal.

—Mas commigo bem, não, comadrinha? pergunta muito manteigueiro o padre Simões, roçando-se pela interrogada.

Ella empurra-o, e contesta-lhe:

— Com vocemecê é a mesma coisa. Vocemecê e elle são da mesma *jolga.*

—Apre com a serpente!... Vamo-nos embora, senhor Lourenço, que estamos a perder polvora. A manhã está a luzir e nós aqui, feitos *martelleiros,* a passarmos por tolos.

—Por tolos e alarves, rumoreja a Gadanha, com uns gestos de nojo.

O sr. dos Cortiços rosna por entre dentes:

— Vamo-nos embora, vamos, que isto é caça brava. Ellas amansarão!... E marcharam immediatamente, soltando umas apostrophes curtas e seccas, que decerto não aprenderam nos compendios de civilidade.

A contestação vibrou em estylo analogo, ainda que a Leocadia riu-se muito, por ser esse o seu feitio. Até lhes gritou:— Cautela com a gaita! Elles nem ao menos a ouviram. O senhor Lourenço que não era de calibre a soffrer mossa com vituperios do bello sexo, esqueceu logo o incidente. Agora ía todo absorto no aperfeiçoamento do bebedoiro, que ainda tencionava modificar, para a rede caír melhor.

O padre Simões, pelo contrario, ficára tão enxofrado com a descomponenda que apanhou por tabella, que as suas idéas concentraram-se todas n'um projecto de desforra, em que, vingando-se das moçoilas, havia de tambem entalar o *pategas* do sr. Lourenço. Porque em seu entender, este, com as suas zombarias tolas, é que tinha provocado a hostilidade do *pequename*. E semelhante fiasco punha-o fulo com o velho dos Cortiços, a ponto de monologar colerico:—Que mostrengo aquelle! Só sabe dizer chocarrices!...

Emquanto ás mulhersinhas, é forçoso confessar que cada uma fez a sua apreciação picante sobre a conducta dos dois. A proposito veio á baila o caso da Ratucha e da Pingalha, que foi discutido por meúdos. Afinal, attendendo á procedencia da accusação , e ouvidas as explicações das increpadas, resolveu-se rehabilital-as de todo. Segundo a opinião geral, a Victoria e a Luiza tinham criterio bastante pa-

ra regeitarem a companhia d'outros rapazes que não fossem seus irmãos.

. . . .

Meia hora depois, tudo era silencio nas cercanias da Cegonha. Das mulheres do poço, umas tinham regressado á aldeia, com os cantaros cheios; outras, aguardando a *vez*, dormitavam junto dos penedos proximos, vencidas de todo pelo somno da madrugada. A Luiza era talvez a unica que continuava de vigilia. As commoções violentas porque passára antes, atacaram-lhe a imaginação phantasiosa e apaixonada. Assim, o seu cerebro escandecido, longe de se entregar ao repouso reparador, agitava-se revolto n'um turbilhão de pensamentos, que lhe contrahiam os musculos n'uma insistencia angustiosa, verdadeiramente febril.

. . . .

*

* *

Ao cahir da tarde de um domingo de dezembro, o pequeno adro da egreja parochial regorgitava de curiosos de ambos os sexos, que a todo custo queriam ver a boda do Chico Ventosas e da Victoria á Pingalha, que áquella hora se realisava, alli no interior do templo, perante um rebanho de convidados.

— O que tarda a sahir! diziam varias aldeãs impacientes, com os filhos a tiracolo.

—Pois agora não ha bençãos, observa a Maria Ritta, que campa por entendida em coisas de lithurgia.

— É que estão com o assento, redargue sentenciosa a mulher do sacristão.

—Lá sahem, já!... Lá sahem!... Com effeito, á porta principal da egreja assomaram os noivos, os padrinhos e os convidados, sahindo todos para o adro em direcção á casa da boda.

Principiam os commentarios:

—Que bonita vae!

—Hum! nem por isso. Leva olhos de chorar.

—Pois não havia de chorar? São coisas que chegam fundo. Eu que o diga!

—E que chore. Por isso não é mais feia. Tomaram muitas...

—E o vestido... olhem que é da moda.

—Foi feito á das Euzebias.

—Ai *nina,* a capella!... Coisa acciada!...

—Veio da cidade. Do Manuel do Cavallo. Dez tostões...

—Coitadinha! Nossa Senhora a ajude.

—E o noivo! olhem o noivo! O que vae de serio! Tem olheiras!...

—Mas bem vestido!...

—Bota fina!

—Colarinho de lustre!

—Botões de oiro... alamares de prata... um dinheirão!...

—Mas não leva abotoadura...

—Se já se não usa!... Nem reparam que as calças são de *portinhola.* Pois eu, foi para o que olhei logo...

—Um moço bem *estreiado,* sim senhora... Aquillo deve ser rijo e durazio!.. *Tamem* apanha um peixe!...

N'este meio tempo o cortejo atravessava as alas da multidão, por entre os olhos prescrutadores dos

basbaques, que não queriam desperdiçar o mais infimo pormenor.

Segundo o uso local, os noivos e o acompanhamento íam graves e cerimoniosos, comprimentando para a direita e para a esquerda, ao mesmo tempo que agradeciam as flores e os grãos de trigo que lhes atiravam das janellas e das portas, em obediencia ás costumeiras. No meio da comitiva, destacava-se, solemne e magestoso, o velho parocho da freguezia—o padrinho-prior—octogenario de virtudes exemplarissimas, que ha meio seculo servia a parochia com evangelica dedicação. Os sinos tangeram os repiques do estylo, e desde logo as creanças que enxameavam o terreiro aos saltos e cabriolas, vieram unir-se aos convidados, formando o couce do prestito, n'uma desordem e indisciplina bulhenta, propria dos poucos annos.

Alguns mais ladinos, tresmalhavam da chusma, e acercavam-se do venerando sacerdote, dizendo-lhe em tom humilde:

—A sua benção, senhor padrinho! E o padre Albuquerque, levando a mão ao barrete, descobria a sua formosa cabelleira branca e correspondia risonho:
—Deus vos abençoe, meus filhos. E atirava-lhes com as amendoas que lhe haviam offerecido na egreja, expandindo-se n'uma alegria santa e simples, só propria de quem é bom.

Chegam por fim á casa dos noivos. Á porta da rua aguardam-n'os um bando de moças das mais flammantes da terra, que jubilosas e folgasãs espargem sobre o sequito petalas de varias flôres. A visinhança tresborda pelos portados das habitações, e a rua coalha-se de gente de toda a casta que acode a ver a

boda. Repetem-se emfim, as scenas do adro da egreja, com tanta ou mais curiosidade.

A noiva e a madrinha voltam-se para o povo e fazem a mesura do costume, para não faltarem ás praxes. E em seguida, mettem-se em casa, tendo então logar a scena dos parabens. Que ventura e que prazer para a Victoria e para o Chico! Realisaram finalmente os seus sonhos dourados! Entretanto, os padrinhos desenvencilham-se da turba que enche a casita, e regressam á rua, empunhando a bolsa das amendoas, rebuçados e confeitos, que atiram as mãos cheias, sobre a onda do povoléo.

—*P'r'aqui!... P'r'aqui!...* bradam de todos os lados, em tons variadissimos. E os garotos caíndo de chofre sobre as guloseimas que lhes espalham, esmurram-se e espesinham-se reciprocamente, rindo uns e chorando outros, tudo n'um berreiro agudissimo e descompassado, que se ouve a meia legua.

—*P'r'aqui!... P'r'aqui!...* continuam a gritar de todas as bandas, n'um enthusiasmo fremente, caracteristico..........

Entretanto, alguem saboreia o espectaculo por uma fórma bem diversa. Esse alguem é o capellão e o seu inseparavel Lourenço, ambos assistindo ao pagode do casorio, do peitoril d'uma janella.

O primeiro, de gorro e *cache-nez,* namorava descaradamente a Joanna do Laranjal. O segundo, não vendo o coirão dos seus affectos, olhava luxurioso para as mulheres bonitas, e com isso se resignava.

Mas, á chegada do prestito, acordaram da pasmaceira que os erotisava e ficaram maravilhados com a formosura da noiva. E contemplando-a por

instantes, vieram-lhe recordações facetas das scenas occorridas ha mezes nas proximidades da Cegonha.

O padre, rememorando os factos, nota:

—Ou hoje, ou a manhã em que nós a bispámos de sapeira com elle!

—Hoje, gosa ella mais!... replica o senhor dos Cortiços, com o seu risinho brejeiro.

—Isso, quem sabe, objecta o capellão.

—Não tem que saber. Hoje, é em cheio!... Tomára você estar-lhe na pelle, diz o Lourenço com ares de troça, olhando de esguelha para o padre Simões.

—*Vade retro*, seu atrevido! Ora o *Abetarda*, com que se havia de sahir!...

E os dois, encarando-se com cynismo, desataram a rir desbragados, como passarões de papo de rola que se entendem perfeitamente. Bons typos!

....

Duas palavras sobre a Ratucha:

Desventurada! Desde aquella memoravel manhã, tão fertil em acontecimentos, nunca mais poude sorrir. Desde então, parece que um anjo mau se comprazia em a torturar atrozmente, roubando-lhe os carinhos extremosos d'aquelles que idolatrava.

A mãe morrera-lhe no hospital. O Thomé, lá fôra sentar praça em lanceiros, por ter tido o infortunio de tirar numero baixo.

Bem o presagiava ella, a infeliz, quando se debulhava em lagrimas por taes supposições. Mas isso ainda era o menos.

Após os successos da Cegonha, aos soffrimentos innatos ao seu temperamento nervoso, juntaram-se outros moraes e phisicos que por seu turno aggra-

varam aquelles, pondo-a n'um abatimento tal que causava dó vêl-a e ouvil-a.

Primeiro sentiu desfallecimentos, nauseas, e calafrios. Depois outros symptomas mais alarmantes e pronunciados vieram accusar-lhe um estado critico... vexatorio.

Estava gravida!... O cumulo das desventuras!... Ao tempo já era orphã de todo. Sósinha, no mundo!... O pae, mal a conhecera, a mãe finara-se, o amante... era soldado... Pensou suicidar-se. Mas renunciou á idéa, por cobarde e aviltante. Viveria. Seria mãe e esposa. O Thomé juràra-lhe fidelidade. Escreveu-lhe, relatando-lhe tudo, tudo. Elle não respondeu. Não receberia a carta, suppoz ella. Escreveu-lhe outra vez. Nada. Terceira carta. O mesmo mutismo. Indagou. Veio-lhe o desengano. Elle, o traidor, que vilmente a seduzira, olvidára-a por uma meretriz de bordel, com quem vivia amancebado! Infamissimo procedimento.

E a desditosa Ratucha, vendo-se deshonrada e escarnecida por aquelle que amava desde a infancia, rolou desmaiada pelo chão, estorcendo-se em contorsões horriveis que lhe desfiguravam o rosto.

Quando voltou a si, pareceu-lhe um sonho. Mas fulminou-a logo a realidade, a triste realidade. Chorou então muito, muito... Depois as lagrimas exhauriram-se, e apenas lhe ficou a escuridão da alma, negra como uma noite tempestuosa.

Pobre Luiza!

O ENGEITADO

Eil-o caminhando taciturno pela estrada da desventura. Para onde se dirige? Ninguem o sabe, porque, para elle, toda a terra é sua patria e em toda a parte é engeitado.

Desgraçado que, apenas nascido, teve de sua mãe, em logar do primeiro beijo e risonhos projectos de futuro, a idéa de o fazer conduzir o mais breve possivel, n'uma alcofa, ao monturo proximo, ou, por mais carinho, mandal-o depôr na fria roda do hospicio!

Oh! mães desnaturadas que não tendes compaixão d'esses entesinhos, que por tanto tempo trouxestes no ventre! Não vos lembraes de que elles, junto de vós, com os vossos afagos, seriam ditosos, posto que pobrissimos, emquanto que, longe das vossas vistas, ainda remediados de fortuna, consideram-se continuamente infelizes, porque teem sempre na mente o mys-

terio do seu nascimento, tão cheio de duvidas, por ignorarem se devem o ser ao amor, ao interesse ou ao crime!

Mães! Que digo? Pode acaso dar-se esse doce e santo nome á mulher que aparta para longe de si o seu filho, o pedaço de suas entranhas? Não! Não pode! A mulher que isso pratica deixa de ser mãe para ficar simplesmente uma aberração da natureza em figura de mulher.

Á mãe não se pode tirar o filho, sem que ella, qual leôa enfurecida, lucte até á morte por defendel-o, quanto mais ser ella propria a arrojal-o para longe de si! Impossivel.

Todo o ente que teve a desventura de ser gerado no ventre de uma imagem de mãe, quando vem ao mundo traz, já de ha muito, a infelicidade por sua companheira, porque o primeiro infortunio foi ter origem na mulher que o engeitaria, e, depois que veio á luz, principiar immediatamente para elle a tormentosa vida moral, que o nivela a um miseravel pária!

Oh! engeitado! Quanto melhor fôra o teres fallecido antes de appareceres n'este valle de lagrimas chamado universo! Porque não são depois os bens de fortuna que te hão-de dar a ventura. O que a ti te fará infeliz é o não saberes o nome de tua mãe, o nome de teu pae, quem é a tua familia, qual a tua patria, o teu pensamento mesmo que te hade fazer exclamar:—quem sou eu?!

«Serei acaso filho de um violento amor de dona, a quem os respeitos de familia illustre prohibissem revelar esse terno sentimento pelo homem de posição humilde que lhe tinha captivado o coração, e que, pelos falsos preconceitos da sociedade não po-

diam ser unidos á face d'essa sociedade que mette entre os corações a distancia das gerarchias?

«Serei filho de donzella captiva de um d'esses D. Juans, que entendem unicamente saciar os seus libidinosos desejos, sem se lembrarem de que roubam a melhor joia da corôa da incauta virgem, e de que podem fazer nascer uma creança que póde vir a ser ladrão e assassino de seus proprios paes, um parricida inconsciente?

«Serei filho de dois amores castos, puros e legitimados á face da lei e da egreja, a quem a immensa pobreza obrigou ao penoso sacrificio de me mandarem coberto de lagrimas, de beijos e de saudades, depôr á porta do hospicio para ali cuidarem da minha creação, ficando sempre sob as vistas dos entes que me deram o ser e que, com um silencio pungentissimo, aguardavam dias prosperos em que podessem chamar-me e dizer-me: «vem, filho da nossa alma! vem aos braços dos que jámais te olvidaram!»

«Serei filho de mulher a quem os brilhos do ouro seduziram e arrastaram ao abysmo da deshonra, que depois a faria verter lagrimas de sangue, sem com ellas poder remediar o mal commettido? Ou, então, meu Deus, serei filho do crime?! Haveria algum cobarde que aproveitando-se da força physica arrastou a mulher que me gerou ao seu infame appetite, sem que ella podesse defender-se ou ser soccorrida?!

«Estes pensamentos formam na minha alma um completo e medonho labyrintho, do qual não posso saír, uma vez apenas, com o espirito tranquillo!»

Pobre engeitado! Junto da mulher amada enrubescerás, se te perguntarem o nome da tua fami·

lia; junto aos teus filhos chorarás, se elles te interrogarem com as suas vozes juvenis: — pae, quem são os nossos avós?—; entre conhecidos te envergonharás, se houver um que, para te ridicularisar, te pergunte de quem és filho.

Mas, engeitado, não córes, não te entristeças nem chores, porque, se desde que principiaste a ter consciencia da tua pessoa, te tens conduzido honradamente, levanta a cabeça e dize bem alto:— á mulher amada, que tens o braço valente para a sustentares e defenderes; aos filhos dize-lhes que teem por avós os teus conselhos e exemplos; e aos conhecidos mostra-lhes a tua honradez e probidade; e que, por isso, não sendo tu culpado do desprezo da féra que te deu o ser—eis a compensação da tua desdita—, tens tanto direito á estima da sociedade, pela tua dignidade sempre sustentada com brio, como aquelles que podem dizer o nome de seus paes.

PEDRO CALHANCAS.

A. ALVES DE MACEDO

O PADRÃO

Tradição elvense

Estava-se em pleno seculo XVI.

A boa estrella que sempre acompanhára o venturoso monarcha D. Manuel, tinha deixado de scintillar; e o vastissimo imperio, que a ininterrompida felicidade lhe permittira estender até aos pontos mais remotos do globo, viera cahir alfim, nas mãos fracas e inhabeis do seu fanatico successor.

As fogueiras do Santo Officio já projectavam sinistros clarões, d'envolta com o crepitar das carnes e a espantosa agonia das victimas; e o paiz, inculto, extenuado de recursos, empobrecido de homens, brutalisado pelo fanatismo, decahia a olhos vistos, não obstante o extenso campo de gloriosos triumphos que a India continuava a offerecer-lhe.

Eram os signaes precursores da tempestade, que o desastre de Alcacerquibir, qual medonho furacão, havia de fazer desabar bruscamente, deixando ruinas e destroços que jámais se reparariam de todo.

No emtanto,—contraste singular!—as riquezas e o luxo importados do Oriente tinham invadido, d'um ao outro extremo do reino, os salões nobres, creando uma vida de grandezas, como antes se não vira.

Ora, n'essa época, Elvas, o terrivel reducto que tão grandioso papel representara nas luctas do começo da dynastia, não fazia excepção a esta regra.

É certo que a prolongada paz com a Hespanha, mantida, sem duvida, porque o enthusiasmo pelas aventuras d'alem-mar absorvia e animava exclusivamente os dois povos peninsulares, tivera como consequencia a diminuição do brilhantismo guerreiro da heroica praça fronteiriça, que se via votada ao esquecimento, no meio da febre de longinquas conquistas e predominio maritimo, alimentada constantemente pelos phantasticos feitos orientaes.

Mas esse esquecimento não deixava de ter o seu lado bom, e Elvas, se perdia em gloria, ganhava seguramente em tranquillidade.

Por isso, na época de que estamos falando, a nobreza elvense, liberta da ameaça de pesados sacrificios que as duras exigencias da guerra bastas vezes tinham imposto a seus maiores, vivia descuidosamente, alegremente, feliz por não ter de, a cada momento, defender a vida e a fazenda das audazes tentativas do inimigo.

Os exercicios guerreiros tinham sido pouco a pouco abandonados, e ao passo que o luxo, afugentando as panoplias, se desenvolvia nos salões, crescia o gosto pela convivencia, traduzido em alegres passatempos e luzidas festas, a que os caracteristicos desenhos e as multiplicadas cores dos estofos indianos davam uma nota extranha, phantastica, propria a não deixar extinguir na imaginação o fogo de enthusiasmo pelos maravilhosos paizes do Ganges.

D'entre os nobres que mais se destacavam, na antiga villa transtagana, pela riqueza da apresenta-

ção e notavel prestigio de que gosavam, sobresahia sem duvida o ramo elvense dos Athaides, constituido por Pedro do Couto, sua esposa D. Ignez de Athaide, e algumas creanças, precioso fructo do amor dos dois conjuges, e esperança risonha de que n'elles se não extinguiria um sangue nobilitado por tantos e tão illustres avoengos.

Pedro do Couto, homem de caracter honesto, dotado de brios fidalgos até ao excesso, bom esposo e bom pae, tinha comtudo um gravissimo defeito, ou antes uma virtude, que as exigencias do temperamento tornavam em defeito. De genio habitualmente bondoso, e propenso a desculpar as faltas alheias, transformava-se por completo ao mais ligeiro ataque á nobreza da sua estirpe, ou á honra do nome que se ufanava de usar. Então parecia outro. Surdo á voz da razão, com o cerebro congestionado, não querendo pensar senão na offensa que febrilmente exagerava, deixava-se arrastar pelos impetos do genio fogoso, capazes de o levarem á practica dos actos mais extraordinariamente deploraveis. Ai de quem tivesse a desdita de lhe ferir a corda sensivel! No emtanto, passada a febre, voltava a ser o mesmo, sem que a sombra d'um profundo resentimento, ou a chamma d'um intenso odio, se lhe albergassem no coração.

D. Ignez d'Atahide possuia nobilissimas qualidades. D'uma formosura rara, a ponto de ser notada entre as mais bellas elvenses da época, distinguia-se ainda mais pelos adoraveis dotes de coração. Mãe extremosissima e esposa fiel, dedicada e obediente, era o anjo bom da familia. Não havia uma nuvem que ella não dissipasse, uma lagrima que não soubesse transformar em sorriso. E para isso não possuia ou-

tros talismans mais do que a doçura da voz, a meiguice do olhar, a bondade que transluzia nas suas palavras. Parecia d'uma fraqueza extrema, perfeitamente feminil, mas, se era necessario fazel-o, sabia mostrar firmeza e energia, como ninguem seria capaz de suppor.

Com estes predicados, é claro que os Athaides d'Elvas gosavam d'uma bem invejavel felicidade, impondo-se á consideração dos seus eguaes, que singularmente os estimavam, cercando-os d'um athmosphera de respeito a que inquestionalmente tinham jus e que parecia não dever ser ultrapassada.

Entretanto a fatalidade havia de fazer com que um incidente dramatico, deveras extraordinario, viesse quebrar o encanto d'aquella placida e feliz existencia, lançando o remorso e a dôr onde sempre sorrira a ventura que dá a paz da consciencia.

Eis como ouvimos narrar o successo:

*

* *

O velho alcaide-mór Ruy de Mello não desprezava os costumes da época. Por vezes o antigo castello se ornava festivamente, para receber as principaes familias d'Elvas, passando-se algumas horas em alegres passatempos, a que a conversação, o jogo e a dança não eram extranhos.

N'uma d'essas reuniões, e em grupo de que fazia parte D. Ignez d'Athaide, era assumpto de discussão o amor, o mais velho, mas tambem o mais inexgotavel de todos os assumptos nas conversações em que tomem parte pessoas dos dois sexos. D. Ignez, obrigada por uma interpellação que lhe fizeram, a di-

zer alguma cousa ácerca do objecto de que se tratava, defendia, como uma das primeiras qualidades que devem distinguir o amor, a mais inquebrantavel lealdade.

—Uma quebra de tão preciosa qualidade, fazendo perder a confiança e nascer a suspeita, mataria o amor, — dizia ella. Como poderia existir o affecto, quando a duvida ferisse o coração, quando o objecto d'esse affecto não estivesse puro de toda a mancha?

N'este momento acercara-se do grupo o corregedor da comarca, homem de moral pouco edificante e de caracter ousado, soberbo e vingativo. Ao ouvir as palavras da formosissima dama, um sorriso mau se lhe desenhou nos labios e mettendo-se atrevidamente na conversa, disse:

—Parece-me que estaes em erro, D. Ignez. O amor sem traição não é amor. Perde todo o encanto, porque não lucta, nem encontra difficuldades. Heis de saber quão sabio e avisado varão foi o senhor rei D. Manuel. Pois não duvidou tratar secretamente o seu casamento com a rainha D. Leonor, atraiçoando o proprio filho, a quem a princeza fôra promettida. E porque? Porque a traição duplica o valor d'esse sentimento, que, só quando ella existe, merece verdadeiro apreço.

— Perdão, senhor, retorquiu D. Ignez, mas o que dizeis mostra apenas que ha quem proceda mal, ainda mesmo onde se não deveria esperar.

O corregedor então sorriu-se novamente, e, inclinando-se para a joven senhora, segredou-lhe:

—Sois formosa e tão formosa que bem desejaria eu me que amasseis! E o nosso amor, augmentado pe-

lo receio e pelo mysterio, não valeria mais do que a vulgar affeição de vosso marido?

Petreficada de surpreza, cheia de indignação, D. Ignez parecera durante instantes não ter ouvido a insolente replica do ministro.

Mas de repente, ergueu a cabeça. A fronte, embora um pouco pallida, apresentava-se serena, e sómente o olhar accusava, pelo maior brilho, as crueis emoções que lhe íam na alma. Pensára primeiro em chamar o esposo para castigar o atrevido, mas lembrando-se do seu genio irascivel e receiosa das terriveis consequencias d'essa intervenção, resolveu immediatamente desaffrontar-se por si propria. Lançou o olhar em volta e vendo ali proximo Ambrosio Pessanha, um dos mais nobres fidalgos da villa, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

—Como julgaes, cavalleiro, que deve proceder uma dama da minha gerarchia, se um villão pretender offendel-a?

—Senhora, respondeu cortezmente o interpellado, o villão que tal intentasse mereceria pelo menos ser açoutado pelos vossos creados. Pois alguem ousou?...

—Não, cavalleiro, ninguem ousou. Mas eu queria que o senhor corregedor soubesse d'uma bocca auctorisada, como é a vossa, e de fórma a ficar-lhe bem escripto na memoria, qual o procedimento que convem a uma Athaide.

E ao dizer isto, ergueu-se magestosamente, fixando no magistrado um olhar tão firme, tão altivo, tão cheio de resolução, que este, confuso e estremecendo mau grado seu, recuou e fugiu.

Fugiu, mas jurou vingar-se.

*

* *

Passaram-se alguns mezes. O corregedor não esquecera a severa lição que lhe fôra dada; e a impotencia a que se via condemnado, aguçava-lhe o cobarde desejo de tomar uma desforra, que fosse ferir profundamente o coração da nobre dama.

Entretanto as cousas continuavam da mesma fórma, quando o acaso veio fornecer-lhe occasião de satisfazer o seu satanico desejo.

Pedro do Couto cavalgára no caminho de Estremoz, chamado por alguns amigos que o convidavam a caçar nas suas terras. Durante essa ausencia, refugiára-se um dia, na casa dos Athaides, um desgraçado a quem as justiças d'el-rei perseguiam. Era um pobre pae, que, vendo a filha deshonrada e morta, assassinara, n'um arranco de desespero, o vil causador de tamanha desgraça. D. Ignez apiedou-se d'aquelle infortunio e o tecto protector da sua casa deu abrigo ao homicida.

Folgou o corregedor mal teve noticia do successo. Ia ter ensejo de abater publicamente a altivez da dama, escudando-se no dever de conduzir á prisão um malfeitor. Não quiz ouvir senão a voz do odio que alimentava no seio, e cercado de seus meirinhos e aguazis, apresenta-se ante a casa de D. Ignez, faz abrir as portas e arranca violentamente o homicida de sob a guarda a que se confiara.

Ao vingar-se assim, o corregedor sorria satisfeito, n'uma alegria de má indole, mal pensando que Deus determinara, em seus sabios designios, que esse

sorriso teria em breve de ser apagado, convertendo-se em horriveis visagens arrancadas pela dôr.

. . . .

Ainda não tinham passado tres dias sobre a violencia exercida para com sua esposa, quando Pedro do Couto entrava em Elvas, regressando de Estremoz.

Era uma manhã de inverno, d'um frio secco que regelava os membros, mas serena e limpida como uma alvorada de estio. O sol, depois de ter lambido a velha e irregular torre da Alcaçova, começava a reflectir-se nas paredes, brancas como a neve, das edificações da villa. Na rua principal, debaixo dos arcos, os mercadores expunham ao publico, n'uma mistura indescriptivel, desde as mais vulgares até ás mais raras e curiosas mercadorias. Os almotacés presidindo ás vendas nos açougues e mercados, punham o preço aos mantimentos, resolvendo os pleitos entre vendedores e compradores. Os hortelões apresentavam as fructas e as hortaliças ante os olhos do povo que passava d'uns a outros, olhando, examinando, confrontando, na hesitação proveniente do receio de comprar mal; e os regatões volantes, no seu continuo vae-vem, offereciam, encarecendo-os com phrases pittorescas, os artigos do seu commercio. Emfim Elvas estava em plena actividade da sua vida diurna.

Pedro do Couto, que pernoitára em Villa Boim, atravessava distrahido a villa, dirigindo-se para os lados do Almocovar, onde ficava a sua residencia. Nem o bulicio das ruas, nem o prazer de em breve abraçar a esposa e os filhos, conseguiam desfazer a tristeza inexplicavel que d'elle se apossára.

Foi n'estas disposições de espirito que chegou em frente do portão de sua casa.

Ali tudo o surprehendeu,—a attitude da esposa, o terror dos filhos, o ar attonito dos serviçaes.

Parecia que uma espantosa calamidade passara sobre aquelles tectos, deixando o assombro e a dor desenhados em todos os rostos.

No phrenesi d'uma atroz anciedade, interrogou todos, supplicando, exigindo, ordenando que lhe narrassem o succedido.

Depois, quando o mysterio se desvendou, com o olhar desvairado e a face congestionada, sahiu rapido, n'uma corrida incerta, levando á cinta um comprido e agudo punhal.

. . . .

O corregedor achava-se nos paços do concelho, á janella que fica sobre o arco, conversando com um dos vereadores. Na frente elevava-se o edificio da Sé sobranceiro a toda a praça. Para a direita, o pelourinho, com seus toscos degraus, affirmava a independencia do municipio. Do lado esquerdo a grandiosa casa dos Pessanhas, de rasgadas e soberbas gelosias e com seu amplo pateo, era uma prova da grandeza que ostentavam os fidalgos da época.

O sol continuava a emittir os seus raios dourados, intangiveis, scintillantes de luz clara e vivida; e o sussurro das ruas elevava-se nos ares, formando como que um som unico, indefinido, continuamente prolongado, d'uma aspereza indescriptivel.

De repente o olhar do ministro fixa-se n'um homem que para elle se dirige. O sangue como que lhe pára nas veias, e subitos calefrios lhe percorrem a espinha dorsal.

É Pedro do Couto que avança.

Os olhos desmedidamente abertos, injectados de

sangue, traduzem a loucura que lhe vae no cerebro.

E o corregedor continua pallido, immovel, sem ousar erguer a voz, sem se atrever a fugir.

E Pedro do Couto avança, avança sempre, até que, sacando n'um brusco movimento o punhal da cinta, exclama:

—Vaes morrer, como morrem todos aquelles que offendem as pessoas da minha raça!

E crava-lhe o ferro no peito, lançando em seguida o corpo da janella para a praça.

Depois, sahiu lentamente, sem que o vereador e mais individuos que, cheios de espanto, presenciaram a tremenda vindicta, ousassem embargar-lhe o passo.

*

* *

Pedro do Couto após o delicto expatriou-se, fugindo para Hespanha. No emtanto foi formado o respectivo processo, sendo julgado e condemnado á revelia. E em cumprimento da sentença, foram-lhe confiscados os bens, arrazada a casa em que vivia e salgado o terreno onde esta existira, com prohibição de n'elle se erguerem outras edificações, collocando-se no local um padrão ou marco, para eterna memoria do successo.

Esse marco, que deu o nome á rua do Padrão, via-se ainda ha poucos annos, cercado por uma especie de nicho, proximo ao alpendre dependente da antiga casa dos condes de Bobadella, no Terreiro de João Domingues. Hoje ainda lá está, mettido na parede da casa nova, que um proprietario pouco respeitador de antiguidades construiu no logar do alpendre, e coberto de successivas camadas de cal e ocre.

Secção de Annuncios

Empreza de  carros d'aluguer

PERTENCENTE Á

CASA MENDES & C.ª

ESCRIPTORIO

ELVAS*—Rua da Carreira, 26—*ELVAS

COCHEIRA

LARGO DE S. DOMINGOS

Esta nossa empreza acha-se em condições de rivalisar com as mais bem organisadas.

Temos magnificos carros e pertences para passeios, jornadas, bodas, baptisados, visitas, recepções e funeraes; bom gado muar e cavallar, cocheiros praticos e de toda a confiança.

Para o serviço de transportes, de mercadorias e de mudanças, temos bons carros alemtejanos, galéra e carroças.

Enviamos fóra d'esta cidade qualquer carro que nos seja requisitado por bilhete postal, carta ou telegramma, bastando n'este caso o endereço=Mendes—Elvas.

Pedimos ao estimado publico o favor da sua coadjuvação n'esta empreza.

Mendes & C.ª



Antonio Francisco da Conceição

ELVAS

RUA DA PRINCEZA D. AMELIA, 10

Cervejaria, vinhos e bebidas alcoolicas

José Joaquim Gonçalves, em Santa Comba-Dão, tem tres char-à-bancs para alugueres, assim como se obriga a ensino de cavallos para carro ou cavallaria.

Café Restaurante

DE

MANUEL CARRILHO

SUCCESSOR DE

Antonio da Conceição e Silva

ELVAS

Rua da Princesa D. Amelia, 32

N'este estabelecimento ha sempre um variado e abundante sortido de cerveja, finos vinhos e bebidas alcoolicas de todas as qualidades, além de muitas iguarias para *lunchs*.

Tambem, como especialidade, apresenta aos seus freguezes **CAFÉ** de que se póde dizer: NÃO TEM RIVAL!

O actual proprietario do Café Restaurante, chamando a attenção do publico para o seu estabelecimento, garante no serviço o maximo aceio alliado ao melhor tratamento e economia de preços.

Composto e impresso em Elvas,
*na typographia d'*O ELVENSE, *de M. A. Silva, pelo*
typographo A. Santos, coadjuvado pelos
typographos B. A. Mendes, M. J. B. Pinto e
J. M. Sanchez

ANNO DE 1894